

Co-funded by the
Erasmus+ Programme
of the European Union



E-CRAFTS

project number: 2020-1-PT01-KA227-ADU-094892

Manual



The European Commission support for the production of this publication does not constitute an endorsement of the contents which reflects the views only of the authors, and the Commission cannot be held responsible for any use which may be made of the information contained therein.



Sumário

	Página
1. Projeto E-Crafts: Enhancing adult education to promote upcycling based on Creative Artistic craFTs.....	1
1.1. Apresentação do Projeto.....	1
1.2. Objetivos do Projeto.....	2
1.3. Público-alvo.....	2
1.4. Parceiros.....	3
2. Contextualização.....	5
2.1. Conceito de Património Cultural.....	5
2.2. Património Cultural em Itália.....	7
2.3. Património Cultural em Portugal.....	9
2.4. Património Cultural em Espanha.....	10
3. Estrutura Conceitual	13
3.1. Reciclagem, consumo responsável e upcycling.....	13
3.2. Inclusão, saúde mental e educação de adultos.....	16
3.3. Etnografia, identidade e património cultural	20
3.4. Processo criativo e ecologia dos saberes	21
4. Guia do usuário	21
4.1. Enquadramento metodológico e pedagógico	21
4.2. Descrição de materiais e técnicas.....	24
4.3. Recomendações de Uso.....	28
5. Técnicas e Métodos	29
6. Avaliação e Recomendação.....	36
Bibliografia.....	40

1. Projeto E-Crafts: Enhancing adult education to promote upcycling based on Creative Artistics craFTs

1.1 Apresentação do Projeto

O projeto “E-Crafts” visa duas grandes dimensões, a Social e a Artística, apostando na educação e formação de adultos com menos oportunidades, para que desenvolvam novas competências em matéria de sustentabilidade e bem-estar, através das Artes e Atividades artesanais.

Este projeto surgiu num cenário de pandemia, que tem vindo a afetar as camadas mais vulneráveis e frágeis da população a nível mundial e de forma muito particular, os grupos sociais que já eram mais vulneráveis e todo o setor cultural e artístico, agravando questões já sentidas por esse público.

Como resultado de tudo isto, nasce o “E-Crafts”, um projeto que tem como principal objetivo contribuir para a formação de adultos com ferramentas que potenciam o exercício da Criatividade na procura de soluções inovadoras em resposta aos atuais desafios da preservação ambiental, cooperação intersectorial, preservação do conhecimento e do património cultural, promoção da inclusão social e do bem-estar das pessoas.

Assim, o projeto prevê a interação entre diferentes beneficiários, todos afetados pela pandemia, lançando as bases para resultados positivos para todos, ao longo do processo e também nos resultados: artistas e artesãos, idosos, adultos, pessoas com deficiência, os migrantes e os assistentes sociais.

Este projeto enquadra-se numa abordagem não formal e informal em todas as suas fases: desenvolvimento, teste e divulgação de produções intelectuais que proporcionem a aprendizagem de adultos: o desenvolvimento de competências através do uso e valorização da criatividade e da arte, bem como a consciência ambiental através de atividades de Upcycling (promovendo a redução de resíduos e a menor exploração de matérias-primas).

A metodologia proposta assenta na cooperação ativa e horizontal entre os três parceiros num enquadramento metodológico baseado no envolvimento dos stakeholders, em metodologias participativas e na promoção do diálogo sobre questões de criatividade, inclusão, empreendedorismo e ambiente.

De forma transversal, pretende-se implementar atividades assentes no conceito de Residência Artística. Funcionando como uma “incubadora” de iniciativas estéticas e reflexivas no âmbito da Educação de Adultos, bem como dinamizadoras das artes e ofícios, a nível local. Os participantes serão, portanto, artistas, artesãos/artesãs, trabalhadores de ONG e voluntários, que irão testar a abordagem upcycling baseada numa partilha linear de conhecimento.



1.2 Objetivos do Projeto

Como objetivo geral, o projeto pretende contribuir para a capacitação dos adultos com ferramentas que promovam a criatividade na procura de soluções inovadoras, em resposta aos atuais desafios de preservação ambiental, cooperação intersectorial, preservação do conhecimento e do património cultural, enquanto promove a inclusão social e o bem-estar das pessoas.

O projeto visa atingir os seguintes objetivos específicos:

- valorizar o património cultural das populações e comunidades locais ao nível dos artesanatos e ofícios.
- promover o artista e a arte como forma de valorização dos adultos vulneráveis, da cultura local e do reaproveitamento de produtos por meio do upcycling.
- promover o bem-estar social, emocional e mental das pessoas, a valorização da cultura e dos seus saberes.
- desenvolver propostas educacionais inovadoras que promovam o upcycling.
- partilhar diferentes culturas locais, no contexto europeu em período de crise económica e sanitária.

1.3 Público-alvo

Os grupos-alvo do projeto são diversos, incluindo: artistas, artesãos e artesãs, adultos com menos oportunidades, idosos, migrantes, refugiados, pessoas em situação de pobreza e exclusão social, minorias, pessoas com deficiência, técnicos sociais, educadores de adultos, aprendentes, técnicos, voluntários, beneficiários da educação de adultos, representantes de escolas de arte, associações de artesanato, ONG, centros de formação, centros comunitários, associações recreativas, associações desportivas, associações culturais. Cada parceiro traz para o projeto uma experiência específica com o público-alvo.

ASPAYM Castilla y León trabalha com pessoas com deficiência em geral e com física em particular. As pessoas com deficiência apresentam barreiras à plena inclusão social, que podem ser analisadas e refletidas em diferentes âmbitos da pessoa: condição física, bem-estar emocional, relacionamento interpessoal, acesso ao emprego e recursos educacionais e socioculturais. Trabalha para minimizar os riscos de exclusão social.

O CEIPES tem uma vasta experiência de trabalho com adultos com um perfil muito específico: migrantes, refugiados, pessoas do meio rural, junto dos quais promove o desenvolvimento pessoal, empoderamento e inclusão social.

A ROSTO SOLIDARIO trabalha com a comunidade local, especialmente com pessoas em contexto de vulnerabilidade, incluindo idosos, migrantes e desempregados, apoiando-os na procura de novas oportunidades e no empoderamento das suas próprias vidas.



1.4 Parceiros

O projeto é promovido por três ONGs de Portugal - Rosto Solidário, de Espanha - ASPAYM, e de Itália - CEIPES cujos denominadores comuns são: uma história de trabalho ativo com adultos, especialmente com grupos com menos oportunidades; todas as ONGs vêm de países e regiões onde a dimensão cultural e as tradições do artesanato podem ser capitalizadas; têm experiência na implementação de projetos com jovens e adultos e no desenvolvimento de materiais educativos.

Complementando esse consórcio, outros associados e parcerias locais foram surgindo ao longo do projeto a fim de dar voz e vez aos artesãos da região.

1.4.1 Rosto Solidário

ROSTO SOLIDÁRIO visa promover a cidadania global e a solidariedade, melhorando o desenvolvimento humano e social das comunidades locais. Os princípios fundamentais da RS são a participação cívica, a integração social, a solidariedade, o trabalho em rede e a parceria.

O escopo de trabalho da organização inclui quatro áreas principais:

- Cooperação Internacional para o Desenvolvimento
- Educação para a Cidadania Global
- Voluntariado
- Apoio Social à família

A equidade de género, os direitos humanos e a inclusão social são tratados como temas transversais em todos os programas implantados. A Rosto Solidário também adota abordagens de educação não formal para promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida seguindo a Estrutura de Cidadania Global.

O estatuto jurídico da RS como ONG de utilidade pública foi reconhecido pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros em 2008. A RS é uma organização de acolhimento e envio acreditada para projetos de Serviço Voluntário Europeu desde 2011. A nível local, a RS é membro da Rede Social do concelho de Santa Maria da Feira (rede local de 115 organizações com programas de intervenção social - seguindo o Plano de Ação Nacional para diretrizes de inclusão). Nessa rede, a RS já foi quatro vezes premiada como reconhecimento ao seu trabalho de fomento ao voluntariado e apoio ao desenvolvimento das comunidades locais.

A Educação para a Cidadania Global é uma área central da Rosto Solidário, pois procuramos a transformação social através da conscientização crítica sobre as desigualdades existentes, promovendo a participação cívica e o diálogo intercultural, bem como promovendo a solidariedade e a ação em prol do bem comum e da mudança social.



No que diz respeito à educação de adultos a nível local, a RS promove o voluntariado local e tem experiência com adultos com menos oportunidades. A RS tem parcerias com diversas instituições e conta com um gabinete de serviço social para apoio às comunidades locais, em especial às que se encontram em situação de vulnerabilidade.

1.4.2 ASPAYM

A Fundação ASPAYM Castilla y León trabalha desde 2004 na área de serviços sociais, especialmente na área de deficiência física. Ajuda as pessoas ao longo do seu ciclo de vida e é apoiada por especialistas nas áreas sociais e de educação (neurologistas, fisioterapeutas, assistentes sociais, educadores sociais, fonoaudiólogos, psicólogos e engenheiros informáticos), bem como investigadores.

Nos seus primórdios a entidade concentrou-se no atendimento de pessoas com lesão medular na comunidade, porém, ao longo de seus anos de atividade, evoluiu de acordo com a sociedade, dando atenção a todos os tipos de deficiência física (lesão medular, acidente vascular cerebral, ataxia, etc).

O objetivo fundamental da Fundação é promover a autonomia, a igualdade de direitos e oportunidades e melhorar a qualidade de vida das pessoas com deficiência física, permitindo-lhes uma inclusão significativa na sociedade.

Em 2015, a ASPAYM começou a trabalhar no meio rural para desenvolver serviços e programas em diferentes áreas rurais para ajudar aqueles que os demandam. Além disso, procura promover o emprego nesses municípios, e assim se instalar no meio rural.

Mais especificamente, o FISIOMER é um projeto dirigido à população em geral, e especialmente às pessoas dependentes com ou sem deficiência e idosos residentes em áreas rurais, e cujas oportunidades de intervenção e tratamento especializado são diminuídas devido a esta circunstância.

Nos últimos anos, a Aspaym desenvolveu vários projetos nas áreas rurais com organismos públicos. A Assistência Pessoal em Meio Rural visa aproximar a assistência pessoal no meio rural, através da formação de pessoas nesta área e outras, por exemplo, a ExpresArte para promover a autonomia pessoal de pessoas com deficiências principalmente físicas, AVC e lesões cerebrais e; trabalhando com idosos rurais, aumentando as suas competências e habilidades sociais através de metodologias inovadoras baseadas na educação não formal.

1.4.1 CEIPES

CEIPES – Centro Internacional para a Promoção da Educação e Desenvolvimento é uma organização sem fins lucrativos fundada em 2007 e com sede em Palermo, Itália. Lidera uma Rede de mais de 8 associações europeias e extra europeias focadas na Educação, Formação e Desenvolvimento Social.

A missão da organização é promover e apoiar o desenvolvimento sustentável das comunidades locais e o empoderamento dos indivíduos por meio da educação e treino, direitos humanos e cooperação internacional.



A organização tem experiência em Educação, Transferência de inovação e gestão de projetos em diferentes programas europeus abordando a Educação e a capacitação de diferentes grupos-alvo, de jovens a adultos, de mulheres, desempregados, migrantes e grupos desfavorecidos. Promove ainda a aprendizagem ao longo da vida, a formação profissional e o empreendedorismo com o objetivo de potenciar oportunidades para os jovens e adultos melhorarem e adquirirem competências e assim potenciarem a sua empregabilidade e inclusão.

A CEIPES está dividida em diferentes setores, cada um dos quais desenvolve projetos específicos, cujos temas principais são:

- Inovação TIC e STEAM
- Saúde, Alimentação, Desporto e Educação ao Ar Livre
- Necessidades Educativas Especiais (NEE)
- Desenvolvimento local e inclusão social
- Direitos humanos Educação e sensibilização, advocacy e antidiscriminação
- Arte, Cultura e Criatividade
- Sustentabilidade, Meio Ambiente e Mudanças Climáticas
- Capacitação de organizações do terceiro setor, instituições de ensino e setor público

Cada setor conta com quadros experientes compostos por profissionais com diferentes competências e áreas como psicologia, comunicação, formação, cooperação internacional, mediação social e cultural, assistência social, TIC, manufatura digital e direito.

A CEIPES promove a formação profissional, a utilização da arte como expressão de criatividade e sensibilização para os direitos humanos, a utilização do desporto como veículo de socialização e integração. Também a dançaterapia é utilizada como um bem-estar psicofísico, com o objetivo de oferecer oportunidades a jovens e adultos em risco de exclusão social.

Por fim, a organização possui diversos vínculos com stakeholders públicos e privados locais e internacionais que podem contribuir para a obtenção dos resultados do projeto em termos de divulgação, exploração e sustentabilidade dos mesmos.

2. Contextualização

2.1 Conceito de Património Cultural

O conceito de património cultural é complicado e sofisticado. Isso está principalmente relacionado ao facto de que o património cultural se refere a um conceito multidimensional e não fixo que evolui ao longo do tempo e do espaço. No entanto, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) tem desempenhado um papel essencial para criar uma definição internacionalmente aceite do significado de património cultural, por meio das suas convenções e resoluções, tornando-se parte do direito internacional geral.



A necessidade de uma intervenção, após a magnitude da destruição provocada pela Segunda Guerra Mundial, levou a UNESCO a apostar na valorização, preservação e conservação do património cultural e natural. A 16 de novembro de 1972, aprovou a Convenção Relativa à Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural. A Convenção contém uma definição de património cultural no Artigo 1, referindo-se a ele como um conjunto de três categorias:

- Monumentos: obras arquitetónicas, obras de escultura e pintura monumentais, elementos ou estruturas de natureza arqueológica, inscrições, habitações rupestres e combinações de elementos que tenham valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;
- Conjuntos de edifícios: conjuntos de edifícios separados ou interligados que, pela sua arquitetura, pela sua homogeneidade ou pela sua inserção na paisagem, têm um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;
- Sítios: obras do homem ou obras combinadas da natureza e do homem, e áreas, incluindo sítios arqueológicos, de valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

Parece, de acordo com a definição acima referida, que o conceito de património cultural engloba apenas uma dimensão tangível, mas inclui também uma dimensão imaterial, para além da natural.

No que respeita à dimensão natural, é introduzida pelo artigo 2.º da Convenção do Património Mundial e inclui:

- Aspectos naturais: formações físicas e biológicas que tenham um valor importante do ponto de vista estético ou científico;
- Formações geológicas e fisiográficas: habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas de valor universal excepcional do ponto de vista da ciência e da conservação;
- Sítios naturais: áreas naturais de valor universal excepcional do ponto de vista da ciência, conservação da beleza natural.

Quanto à dimensão intangível ou imaterial, é introduzida no artigo 2.º, n.º 1, pela UNESCO na Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial de 2003 e assim definida: o conjunto de práticas, representações, expressões, conhecimentos, competências – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais a eles associados – que comunidades, grupos e, em alguns casos, indivíduos reconhecem como parte de seu património cultural. Este património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu ambiente, da sua interação com a natureza e da sua história, proporcionando-lhes um sentido de identidade e continuidade, promovendo assim o respeito pela diversidade cultural e criatividade humana. Património cultural imaterial que deve ser compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes, bem como com os requisitos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e de desenvolvimento sustentável.



Portanto, o património cultural pode ser resumido como a riqueza de recursos (tangíveis, intangíveis, naturais), pertencentes a um grupo específico de pessoas e herdados do passado, criados no presente e transmitidos às gerações futuras. O conceito remete a uma mistura de elementos, desde os artefatos como pinturas, mosaicos, esculturas aos monumentos e edifícios históricos; dos sítios arqueológicos às evidências da criatividade humana como livros, fotografias, músicas e assim por diante. Acresce ainda, na sua dimensão imaterial, as tradições ou expressões vivas como as tradições orais, as artes de espectáculo, as práticas sociais, os rituais, as manifestações festivas, os saberes e práticas sobre a natureza e o universo ou os saberes e competências para produzir artesanato tradicional. Por isso, o conceito de património cultural está ligado à identidade coletiva de uma sociedade, é baseado em sistemas de valores historicamente mutáveis que os grupos de pessoas reconheceram de tempos em tempos, em torno dos quais o seu senso de comunidade foi construído e fortalecido.

No entanto, deve-se sublinhar que todas as dimensões do património cultural podem estar sujeitas a condições ambientais adversas e danos criminais. Assim, é necessário assegurar a sua sustentabilidade, que se traduz num equilíbrio entre proteção, cuidado, renovação e transmissão do património cultural. Uma abordagem que apenas olha para a preservação do património cultural passado, sem considerar o seu cuidado contínuo e cuidado no presente, é uma abordagem que corre o risco de transformar o conceito de património cultural numa entidade congelada e fixa que perde a sua relevância e o seu valor como uma ponte entre as gerações passadas, presentes e futuras. Com efeito, a intenção é apoiar-se na definição muito genérica mas homogénea da UNESCO, que estabelece o contentor, cujo conteúdo é a prerrogativa de cada país, cuja sustentabilidade depende da ação e empenho dos poderes públicos.

2.2 Património Cultural em Itália

A Itália é o país que detém a maior parte do património cultural do mundo – 58 sítios da UNESCO, 53 culturais e 5 naturais. Da Basílica de San Francesco (Umbria) à Costiera Amalfitana (Campânia) – e tantos outros – esses locais estão espalhados por toda a Península. No entanto, o que torna o património da Itália único e vivo vem de elementos intangíveis, como tradições, artesanato, artes cénicas, práticas sociais, contos e rituais antigos (Internazionale, 2021; Lenzerini, 2011; Património Mundial da UNESCO, 2022).

A Itália como um país unificado é uma questão de história recente (como monarquia 1861-1946, depois como república). Durante séculos, a península italiana foi dividida e conquistada muitas vezes em diferentes configurações, contribuindo para os infinitos e fluidos processos de estratificação de diversidades e tesouros culturais (Mouritsen, 1998). O resultado desses processos são ambientes únicos onde conjuntos de artes, tradições e culturas se misturam em algo diferente, orgânico, que molda o património cultural tangível e imaterial do país (Blake, 2000).

Especificamente relacionadas com o património artesanal e as técnicas artesanais, existem áreas regionais bem conhecidas (Santagata, 2002) que representam uma singularidade mundial (alguns exemplos):



- Murano, a Arte do Vidro (Veneza) – O vidro de Murano nasceu em 1291, quando os vidreiros de Veneza se mudaram para Murano. Durante muitos séculos, famílias de vidreiros viveram nessas pequenas ilhas, compartilhando e desenvolvendo a técnica de mãos dadas com fama e reconhecimento. Por exemplo, o uso de diferentes materiais durante o processamento permite que o vidro mude de aparência, criando efeitos visuais únicos e belos. Para proteger a próspera arte, em 1602 o presidente da câmara criou um livro de ouro para registrar todos os vidreiros numa lista oficial. Hoje em dia, é considerada uma das formas de arte mais apelativas do mundo, puxando e alimentando fenômenos turísticos e atividades comerciais relacionadas com arte, design e mobiliário (Made Murano Glass, 2022).
- Palermo, o Teatro de Bonecos (Sicília) – Desde 2008, a “Opera dei Pupi” (Teatro de Bonecos) é reconhecida pela UNESCO na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade (UNESCO, 2022). A história é antiga e contém algumas lacunas, porém começa na Sicília pelos marionetistas siracusanos que na época de Sócrates praticavam o ofício em Siracusa. Como os vemos hoje, os bonecos nasceram no século XIX. Personagens feitas à mão, em bronze, com decorações detalhadas, os mestres contavam histórias baseadas na literatura de cavalaria medieval e outras fontes, como poemas italianos do Renascimento, vidas de santos e contos de notórios bandidos (Figli d’arte Cuticchio, 2019).
- Carrara, Mármore (Toscana) – A história remonta ao Império Romano, onde na época de Giulio Cesare era frequentemente empregado para esculpir e arquitetar as vilas mais ricas e os principais monumentos. Desde então, a produção de mármore passou por inúmeras mudanças em todas as etapas – escavação, transporte, métodos de processamento – com a tecnologia substituindo a maior parte do trabalho manual. No entanto, as cavernas e locais de mármore tornaram-se uma atração turística, levando milhares de pessoas todos os anos; e é possível admirar muitos patrimônios artísticos e arquitetônicos em toda a Itália e além (Fogliazza, 2018).
- Alpes, Beleza de Madeira (Vale D’Aosta) – Esta história milenar fala de uma montanha tão hostil quanto generosa, que sabe oferecer presentes inesperados e preciosos a quem soube olhá-la com olhos cuidadosos e uma alma respeitosa. Os habitantes da floresta e da montanha desenvolveram um relacionamento profundo e forte com tradições incríveis, artesanato, contos e muito mais.
- Caltagirone, Olaria (Sicília) – Mais famosa em todo o mundo pela produção de cerâmica, a cidade foi premiada pela UNESCO como Património da Humanidade em 2002. O fenômeno começou durante a dominação grega, depois pelos árabes no século IX, que introduziu a técnica de envidraçamento que tornava os objetos de cerâmica impermeáveis. Mas em meados do século XIV, os catalães da Espanha procuraram refúgio em Caltagirone dos invasores romanos. A cerâmica passou então a refletir as técnicas e a estética da cerâmica espanhola, principalmente o uso de detalhes mouriscos e azulejos de azul profundo. Hoje existem cerca de 150 oficinas que ainda produzem objetos de majólica, enquanto outras exibem apenas exemplos de autênticos artigos de majólica feitos à mão, novos e antigos (Santagata, 2002).



Finalmente, um dos aspetos mais importantes do património cultural italiano refere-se às três dimensões do projeto: cultura, meio ambiente, inclusão. Estas dimensões estão estritamente interligadas, configurando redes de benefício mútuo entre os diversos atores sociais e o contexto em que atuam.

2.3 Património Cultural em Portugal

O património cultural em Portugal relacionado com o artesanato é composto por uma variedade de materiais e técnicas provenientes de diferentes pontos do território. De Norte a Sul é possível localizar produtos de olaria, cortiça, bordados, tecelagem, lã, couro e papel.

Com início no Norte do país, mais concretamente na região de Barcelos, o artesanato mais tradicional é a olaria. Uma das razões para tal deve-se ao fato de os terrenos serem ricos em água e lama, o que proporciona as condições ideais para a arte da olaria. Nesta cidade é possível visitar o Museu da Olaria, onde se encontram mais de nove mil peças de olaria provenientes de Barcelos, de outras regiões de Portugal e de alguns países lusófonos.

Este tipo de arte também é muito conhecido numa pequena aldeia que pertence a Leiria, chamada Bajouca, que fica situada na região Centro de Portugal. A diferença entre a arte da olaria de Barcelos e de Leiria é basicamente a cor da terra: enquanto que em Barcelos usam terra castanha ou barro, como é chamada, em Leiria a mais comum é a de argila, sendo mais clara e mais fina.

Outras artes artesanais que são tradicionais em todo o território português são as técnicas com tecido, incluindo bordados, rendas, tecelagem e lã. Segundo a história, alguns dos pontos de bordado chegaram a Portugal durante o período dos descobrimentos, inspirando-se em culturas estrangeiras. Difundiu-se por vários pontos da área continental e também pela Ilha da Madeira, onde deram particularidades a esta arte. Um dos mais famosos, hoje em dia, é o bordado de Viana do Castelo, que é uma cidade situada no Norte do país, perto do Porto.

Seguindo a sequência do tecido, destacam-se duas principais regiões famosas pela tecelagem e lanifícios: o Alentejo e o Algarve, ambas situadas no sul do país. Um dos produtos de lã mais conhecidos no país são as mantas alentejanas, que inicialmente serviam para proteger do frio os pastores da região, hoje tornaram-se peças de ornamentação e até tapetes.

Outro item importante para o património cultural artesanal em Portugal e também para a agricultura e indústria portuguesa é a cortiça. O maior mercado do país situa-se no Algarve, no entanto, uma das empresas mais importantes neste segmento pertence a Santa Maria da Feira, na região metropolitana do Porto. Para além da rolha de vinho, existem vários monumentos e peças históricas que foram construídas com este material, como o presépio de Natal executado por Machado de Castro no século XVIII. Também o Convento dos Capuchos, em Sintra, o Convento de Santa Cruz do Buçaco e o Convento da Serra da Arrábida, tiveram algumas das salas forradas a cortiça. Assim como o Chalet da Condessa d'Edla em Sintra, que apresenta alguns elementos decorativos, principalmente na sua parte frontal, em cortiça. Adicionalmente, existe um Museu da Cortiça em Gaia, também localizado na área metropolitana do Porto, onde os visitantes podem conhecer de forma mais aprofundada a história da cortiça.



Ainda com foco na região de Santa Maria da Feira, existem outros dois importantes materiais utilizados no artesanato e na indústria local: o couro e o papel. No caso do couro, como a região ainda é um lugar relevante na indústria calçadista do país, a fabricação desse produto era feita de forma manual e a partir da segunda metade do século passado, o maquinário passou a ser incorporado nesse ramo, o que tornou a fabricação mais mecanizada. O mesmo aconteceu com o papel, que até 1916 era feito folha a folha, de forma manual, e depois passou a ser uma manufatura industrial. A fábrica de Lourença, que é uma das antigas fábricas de papel de Santa Maria da Feira, cessou a sua atividade em 1989. Atualmente é onde se encontra o Museu do Papel, contando toda a história do fabrico deste produto e ainda comercializando algumas peças feitas de papel, como antigamente.

2.4 Património Cultural em Espanha

Ao longo dos séculos, tanto o artesanato como os artesãos espanhóis foram fortemente influenciados pela cultura de todos os povos que se instalaram na Península Ibérica. Tudo isso mudou quando os antigos reinos cristãos se consolidaram, pois, naquela época, os artesãos organizaram-se plenamente através das diversas instituições governamentais que tinham o poder de legislar todas aquelas competências relacionadas ao artesanato.

Durante este período histórico, as leis estipulavam que os grandes nobres viessem regularmente ao palácio para homenagear o monarca, contribuindo assim para a criação de um artesanato luxuoso e de alta classe que levou à criação das Fábricas Reais, como a fábrica de vidros da Granja de San Ildefonso, e outros complexos fabris para atender a alta demanda de diversos artigos, principalmente artigos de couro.

Finalmente, durante o período conhecido como Idade Média, e devido às contínuas transformações do modo feudal de organização, uma série de elementos econômicos foi gradualmente aparecendo, dando origem a diferentes formas de produção que, por sua vez, deram origem a formas posteriores de comercialização. Assim nasceram as corporações de ofício, com forte interesse em preservar e defender os seus interesses económicos. Além de se associarem e de se estruturarem em organizações empresariais a fim de estabelecer vínculos com outros artesãos do continente europeu.

Hoje em dia, cada região de Espanha concentra o seu próprio conhecimento, e os antigos ofícios continuam a fazer parte da atividade quotidiana do povo espanhol graças a uma forte e rica variedade cultural e artesanal transmitida de geração em geração ao longo dos tempos.

Uma das manifestações mais claras da sabedoria popular espanhola pode ser encontrada nos diferentes produtos artesanais, que incluem argila, metais, couro, fibras vegetais, madeira, etc., todos elementos naturais utilizados para a elaboração manual dos mais diversos objetos tradicionais. Outra dessas manifestações é a técnica utilizada em cada caso para o desenvolvimento do trabalho manual.



Algumas das atividades mais representativas do artesanato espanhol são: vidro, couro e peles, cerâmica, madeira, têxteis, bordados e rendas, cestaria e serralharia. Enquanto, de forma generalizada, entre os produtos artesanais mais conhecidos encontramos: tapetes, tapeçarias, cestos, facas, entalhes em madeira, instrumentos musicais, forjas de ferro, botas, lenços, pratos, móveis, etc. em mais detalhes.

Hoje em dia, a grande maioria dos vidros decorativos fabricados em Espanha é feita por moldagem, ou seja, com a ajuda de um molde. A famosa técnica do "vidro soprado" dos centros de Barcelona e Mallorca está praticamente perdida.

Especificamente, as diferentes fábricas de vidro artesanal na Espanha usam diferentes técnicas para a fabricação de seus produtos, onde a tradição e a modernidade coexistem. As técnicas tradicionais incluem o sopro e o corte manual, enquanto hoje em dia a tradição industrial partilha com as técnicas manuais artesanais a fórmula mais adequada para o fabrico de produtos de vidro de qualidade.

Quando nos referimos a couros e peles devemos ter em conta a longa e rica tradição no território espanhol em relação à "selaria" bem como o trabalho dos "cordobanes", de origem cordovesa. Durante os primeiros tempos do domínio árabe Emirado, as oficinas artesanais de selas para cavalos, selaria, entre outras, ainda se conservam em Huelva, Albacete, Sevilha, Madrid e Talavera de la Reina.

Outras das obras de couro e peles mais destacadas que podem ser encontradas em oficinas de toda a Espanha são carteiras, bolsas, frascos, cigarreiras, cintos, etc.

Por seu lado, a cerâmica espanhola tem as suas raízes mais profundas na cerâmica muçulmana. Isso pode ser visto em exemplos como as cerâmicas de Granada, bem como nas pertencentes às civilizações mediterrânea e ibérica que habitaram a península, como as cerâmicas de Traiguera, Priego em Cuenca e Huesa del Común.

Algumas das cerâmicas mais conhecidas são aquelas inspiradas em formas e decorações antigas, como as cerâmicas tradicionais de Talavera, Puente del Arzobispo, Triana, Teruel, Muel, entre outras. Destacam-se ainda as cerâmicas de interior da Real Fábrica de la Cartuja de Sevilha, os pratos de faiança de Fajalauza de Granada, decorados com entalhes e geometrias de origem andaluza, bem como as cerâmicas pretas ou fumadas de Llamas de Mouro das Astúrias.

Finalmente, a olaria de Calanda em Teruel destaca-se pela sua originalidade, pois ainda é feita com a técnica chamada "a churro", ou seja, sem o auxílio da roda ou da roda de oleiro. No mesmo local também se encontram jarros e bacias com a técnica já referida, bem como embarcações provenientes das Ilhas Canárias.

O trabalho realizado com a madeira materializa-se nas figuras de escultores, entalhadores, torneiros, carpinteiros, marceneiros e luthiers, que trazem consigo importantes saberes intimamente relacionados com muitos ofícios tradicionais.



Como resultado, muitos dos usos tradicionais da madeira e, conseqüentemente, muitas das suas técnicas artesanais ainda são preservadas. Uma delas é a “tanoaria”, ainda muito viva na Galiza e que consiste no fabrico artesanal de vasilhames de madeira de forma convexa e montadas com argolas de metal.

Algumas das obras de madeira que persistem na Espanha são as retrancas decoradas incisas dos Pirenéus aragoneses e catalães, as cangas da Galiza e os horcates de Tomelloso em Ciudad Real. Além dos tamancos ou albarcas de madeira da Cantábria, Galiza, Astúrias e Catalunha e do mobiliário artesanal de excelente qualidade da Andaluzia, Maiorca e Catalunha.

Têxteis, bordados e rendas também são particularmente importantes na Espanha. Alguns dos mais famosos são os tecidos da Alpujarra de Granada com as suas características cores vermelho, preto, azul e canela, assim como a roupa de cama da Serra de Grazalema de Cádiz, as colchas "confitadas" da Galiza e as mantas de León, Zamora e Ezcaray em La Rioja.

Na Galiza continua-se a trabalhar com tecidos de desperdícios reaproveitados, destacando-se as farrapeiras de Robra e Fornellos, e na Extremadura, as retaleras de Ciudad Rodrigo e Deleitosa e as províncias de Albacete, Granada e Almería.

Destacam-se os bordados de Lagartera, os das províncias de Segóvia e Salamanca aplicados em toalhas de mesa, aventais e colchas. Assim como os bordados de Oratava em Tenerife e Ingenio em Gran Canaria e Carbajales em Zamora. Da mesma forma, a renda é muito conhecida graças à fama da renda de bilro na cidade de Almagro, Ciudad Real.

Outro dos artesanatos mais conhecidos é o que tem a ver com a cestaria, em que são utilizados diversos materiais, como esparto, palha, palmeira, vime, palmito, canas e os juncos.

A palha é ainda utilizada em Montehermoso (Cáceres) para a construção de cestos, chapéus, tampas para jarros, entre outros. O esparto é também utilizado nas zonas da Andaluzia, Múrcia, Castela, Extremadura, Aragão, Valência, etc., para o fabrico de cestos, capachos, cadeiras e esteiras. A tecelagem de vime é utilizada na confeção de cestos utilizados para recolher e transportar uvas, guardar pão, queijo, fruta, etc.

Por fim, os metais são os materiais perfeitos para a criação de jarros, caldeirões, bombons de cobre, castiçais, caçarolas, braseiros de bronze, entre outros. Todos estes produtos ainda são produzidos, preservando a sua aparência tradicional, em locais como Guadalupe em Cáceres, Navafria em Segóvia e Granada, etc.

A província de Albacete é o principal produtor de cutelaria e facas, enquanto a tradição da forja ainda está presente em Albarracín, Teruel, Esplugá de Francolí em Tarragona, etc. Azeites, batedeiras de leite e outros tipos de produtos artesanais está amplamente difundido em todo o território espanhol.

3. Estrutura Conceitual

3.1 Reciclagem, consumo responsável e upcycling

O modelo económico atual é baseado num modelo linear de “tirar-fazer-descartar”. Este modelo tem causado graves problemas ambientais, nomeadamente o esgotamento dos recursos naturais e a poluição. Nas últimas décadas, vários estudos foram desenvolvidos sobre como dissociar o crescimento económico da degradação ambiental.

Estes estudos permitiram desenvolver o conceito de Economia Circular que surge como um modelo económico alternativo, baseado num modelo circular de produção e consumo de forma a prolongar o ciclo de vida dos produtos, evitar e reduzir a geração de resíduos (fig. 1). Para tal,, várias estratégias podem ser adotadas como reutilização, reparo e refabrico.



Fig. 1 – Modelo de Economia Circular. Fonte: European Commission

Reciclagem e upcycling são dois exemplos de práticas de economia circular. Embora esses termos às vezes sejam usados com o mesmo significado, podemos considerar as seguintes definições, de acordo com a Fundação Ellen MacArthur (2014):

- Reciclagem: Recuperação de materiais para o seu fim original ou para outros fins, excluindo a valorização energética;
- Upcycling: conversão de materiais em novos materiais de maior qualidade e maior funcionalidade.

A Economia Circular é baseada na abordagem de gestão de resíduos 3R: Reduzir, Reutilizar, Reciclar. Quando a sociedade começou a preocupar-se com a importância da preservação do meio ambiente e dos recursos naturais, foram criados os Rs da sustentabilidade. O principal objetivo desses princípios era conscientizar a população sobre o seu próprio consumo.



Com o passar do tempo percebeu-se que só os três Rs não eram suficientes, então foi criado mais um, repensar, que logo foi seguido pelo quinto R, consertar, e hoje já temos um total de 10 Rs, segundo Potting (2017), porém, para efeito deste projeto será utilizado apenas 7 Rs, sendo o recusar e o reaproveitar, as duas últimas palavras colocadas nesse grupo.

Portanto, como foi descrito no parágrafo anterior, temos hoje os 7 Rs da sustentabilidade, e o primeiro deles é “repensar”. O significado desse R é bem literal, a ideia é repensar antes de comprar ou adquirir um novo produto, algumas perguntas que podem ser feitas antes dessa ação são:

- Eu preciso realmente deste novo produto?
- É importante para mim?
- Posso obter o mesmo produto de outra maneira em vez de comprar um novo?
- Quantas vezes vou usar o produto? Apenas uma?

Essas questões contribuirão para a ação de repensar, fazendo com que a pessoa que deseja adquirir um novo produto reflita se realmente é necessário ou não, contribuindo para a redução do consumo.

O segundo R dessa lista é “recusar”. É uma reflexão sobre quais os produtos, materiais ou objetos que devem ser importantes para recusar a sua utilização. Algumas sugestões estão listadas abaixo:

- baterias, plástico (garrafas de plástico, sacos de plástico, embalagens de alimentos), óleo de palma, pesticidas e herbicidas, lítio, parafina, couro, fast fashion, naftalina, spandex, poliéster reciclado, mercúrio, resíduos fósseis, sprays, alumínio, chumbo e poliéster .

O terceiro R é “reduzir” e está diretamente ligado ao consumo. A definição aqui pode ser associada à redução da utilização de um produto, ou por exemplo, à extensão da sua vida útil. O indivíduo pode questionar-se: “Posso usar menos quantidade deste produto?”, “Como posso prolongar a vida útil deste produto?”. Alguns outros exemplos sobre como o consumo pode ser reduzido são descritos abaixo:

- Dê preferência para caminhar e andar de bicicleta, ao invés de carros;
- Escolha lojas a granel e traga sacos reutilizáveis;
- Beba os coquetéis sem palhinhas de plástico;
- Use e-book ou troque livros com amigos ao invés de comprar novos livros;
- Use sistema de água filtrada e garrafas reutilizáveis;
- Use roupas reutilizadas e material reciclado;

Seguindo esta sequência, o próximo R é “reutilizar”. Com este termo a ideia principal é utilizar produtos e objetos mais do que uma vez, não utilizar e deitar fora na primeira vez. Algumas sugestões são dadas a seguir:

- Retalhos de tecido para almofadas;
- Folhas de chá podem ser reutilizadas para limpar pisos, como incenso anti mosquito, para absorver humidade e para eliminar o mau cheiro do frigorífico;
- Reaproveite a água, recolha do chuveiro para limpar o chão, recolha da chuva para regar as plantas;
- Reaproveite as cinzas ou o pó do café para adubar a terra;



- Doe objetos e faça uma venda de garagem;
- Reutilize recipientes, como papelão, vidro, plástico, latas, etc;
- Óleo usado para fazer sabão e velas;

O próximo R é “reaproveitar”. É aqui que podem surgir técnicas de upcycling, dando uma segunda vida ao antigo produto ou objeto, uma oportunidade de ser transformado noutra coisa, prolongando o seu ciclo de vida. Seguem alguns exemplos de materiais e objetos que podem ser reaproveitados:

- latas poderiam ser transformadas em recipientes para guardar outros pequenos objetos ou alimentos, ou ser transformadas em cinzeiros;
- garrafas de vidro podem ser transformadas em copo ou candeeiros;
- a roupa pode ser remodelada, sendo transformada noutra peça;
- lonas e couro podem ser transformados em bolsas, carteiras, etc;
- os móveis podem ser recuperados e transformados em novos;
- a cortiça pode ser transformada em objetos de decoração ou acessórios;
- jornal e papel podem virar carteiras, esculturas e novos objetos;
- pneus e paletes podem ser transformadas em vasos de flores, móveis de jardim, baloiços, casas, etc;

O sexto R desta lista é “reparar”, porque nem tudo precisa de ser transformado em coisas novas. Quando o objecto tem pequenos defeitos e não está a funcionar bem, por vezes basta apenas repará-lo para continuar a utilizá-lo, como exemplo temos pequenos rasgões em roupas que podem ser cosidas, alguns móveis que precisam de ser aparafusados, alguns objectos electrónicos que precisam de ser reparados, etc. Lembre-se, repare sempre que possível.

O último nesta sequência é um dos mais famosos: "reciclar". Apesar da maioria das pessoas pensar que só esse R é suficiente para promover a sustentabilidade ambiental e reduzir o consumo de recursos, não é verdade. A reciclagem de produtos e materiais contribui para minimizar o desperdício e os impactos ambientais, porém, ainda não existe tecnologia para reciclar todos os produtos e materiais, e mesmo aqueles que já são passíveis de reciclagem possuem vida útil limitada, pois a cada reciclagem o material perde a sua conexão, até que não seja mais possível fazê-lo. Visando melhorar este R e impactar todos os outros desta lista de forma positiva, seguem algumas dicas:

- Criar projetos que promovam a reciclagem por meio de benefícios;
- Não abusar do plástico;
- Dar uma segunda chance aos materiais, diminuindo o consumo e compre do comércio local;
- Fabricar produtos biodegradáveis;
- Separar os materiais adequadamente;
- Artesãos e produtores procurarem usar menos materiais na produção;
- Colocar em prática a cultura do ensino da reciclagem nas escolas e entre o público em geral, ensinando os sete Rs;
- Fazer workshops para divulgar novas técnicas e implementar novas ideias;
- Doar objetos a pessoas que possam dar-lhes uma nova vida.



Portanto, todos os conceitos descritos nos parágrafos anteriores estão relacionados com o termo "consumo responsável". Envolve os sete Rs e inclui uma série de reflexões e cuidados que a população deve ter antes de adquirir um novo produto. Por outras palavras, poderia ser traduzido para comprar apenas o que é necessário, evitando consumir determinados itens, como:

- produtos de "moda rápida";
- fastfood;
- materiais que não podemos reciclar ou decompor;
- produtos que possam poluir o meio ambiente;

Adicionalmente, existem algumas ações que a sociedade e o governo poderiam adotar para garantir o consumo responsável, ou pelo menos aprimorá-lo, conforme descrito a seguir:

- verificar a origem, materiais e ciclo dos produtos antes de comprá-los;
- evitar o desperdício de materiais;
- reparar em vez de comprar um novo;
- usar produtos em segunda mão;
- partilhar os alimentos que não vai consumir com outras pessoas;
- possuir leis oficiais que regulam e fiscalizam o consumo responsável;
- incluir o consumo responsável na educação escolar e a sensibilização dos cidadãos;
- dar preferência aos pequenos negócios locais;
- usar sistemas de banco de horas;
- dar preferência a produtos duráveis, preferir qualidade ao invés de quantidade;
- criação de uma moeda local para incentivar os negócios locais;
- gerar cooperativas;
- escolher transportes públicos, bicicleta e/ou carro compartilhado sempre que possível;
- comer menos carne;
- usar menos aquecimento em casa e aquecer-se mais;
- economizar eletricidade e água sempre que possível.

Em resumo, para garantir que todos os sete Rs sejam atendidos, um elemento deste contexto é essencial, o consumidor. Como foi descrito no início desta secção a sociedade do tirar-fazer-descartar precisa de ser transformada numa sociedade de economia circular, mudando completamente a mentalidade da população, tornando-a consciente e sentindo-se responsável pelo que consome, bem como, pelo que descarta. Para minimizar o consumo e reduzir o desperdício, é preciso incorporar a criatividade na vida, transformando o que seria lixo num novo objeto a ser utilizado. Um dos aliados disso são as técnicas artesanais, permitindo novas ideias, geralmente de baixo custo, e usando a imaginação.

3.2 Inclusão, saúde mental e educação de adultos

Como afirma Ecoembes, a crise sanitária provocada pela pandemia foi acompanhada por uma crise económica que alargou ainda mais o fosso da desigualdade e teve um impacto particular naqueles que já se encontravam em risco de exclusão social. Além disso, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, os problemas de saúde mental, uma das principais causas de sofrimento e incapacidade na Europa, aumentaram durante o período de pandemia.



Da mesma forma, a OMS citada por La Confederación SALUD MENTAL ESPAÑA (2021) acrescenta que:

Grupos específicos que estiveram particularmente em risco como resultado do acesso limitado a serviços de saúde mental, diminuição do contacto social ou atividade económica restrita incluem populações migrantes e refugiadas, pessoas sem-teto, crianças e adolescentes fora da escola, trabalhadores recentemente desempregados, idosos pessoas confinadas ao seu local de residência, bem como pessoas com problemas de saúde mental pré-existentes e deficiências psicossociais, cognitivas ou intelectuais (p. 4).

Mas o que é considerado saúde mental? Segundo a mesma organização (2018), "a saúde mental é uma componente essencial e integral da saúde, uma vez que o termo global saúde se refere ao "estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas à ausência de doença" (OMS citado na Federación Extremeña de asociaciones de familiares y personas con trastornamental, p. 6). Vale ressaltar que essa definição considera a saúde mental como algo mais do que a ausência de doença.

A saúde mental é, portanto, um estado de bem-estar no qual uma pessoa se sente realizada em relação às suas capacidades e é capaz de lidar com as tensões habituais do ciclo de vida, além de ser capaz de trabalhar produtivamente e contribuir ativamente para a comunidade. Em suma, é um dos principais alicerces do bem-estar individual e do funcionamento efetivo da comunidade. Por isso, projetos como o E-crafts fazem sentido, pois tem um conjunto de componentes que têm impacto na melhoria do bem-estar pessoal e da qualidade de vida das pessoas com menos oportunidades, favorecendo a sua inclusão e coesão social, bem como a geração e aquisição de novas oportunidades, competências e recursos através da reciclagem, arte e artesanato num contexto de aprendizagem ao longo da vida e altamente experiencial.

Desta forma, cabe refletir sobre como a reciclagem e a arte respondem a todos os aspetos mencionados acima. Em primeiro lugar, uma definição de reciclagem que agrega valor ao próprio conceito é a do filósofo Edward Bebono, que afirmou que a reciclagem "consiste em olhar para os objectos não só pelo que eles são, mas também pelo que eles se podem tornar. Geralmente a mesma coisa pode ser considerada ou examinada sob vários aspectos, e por vezes os pontos de vista menos óbvios são os que se revelam mais úteis. Nunca dói, quando uma coisa foi compreendida pelo que é, ir mais fundo para ver o que mais poderia ser".

Nesse sentido, o projeto aborda a reciclagem como uma opção viável para inovar e empreender novas formas alternativas de produção, encorajando a reutilização de objectos através do artesanato e criando e reforçando a consciência de uma gestão adequada dos resíduos a partir de um cuidado especial com o ecossistema. Através deste tipo de projecto, a cultura da reciclagem é apresentada como um processo de sensibilização, investigação, reflexão e acção que melhora a qualidade de vida da população. Esta cultura da reciclagem exige um trabalho cooperativo, solidário e inclusivo que se concretiza através de estratégias, ações, programas, projetos e atividades que tenham um impacto real tanto no ambiente como na vida das pessoas e nas dimensões em que se desenvolvem, pois quando falamos de formação integral não nos referimos apenas ao desenvolvimento cognitivo, mas ao facto de gerar ferramentas educativas que agregam valor a todas as esferas da pessoa, da comunidade em geral e dos processos sociais e ambientais que nela ocorrem.



A educação, portanto, apresenta-se como base fundamental para qualquer processo de mudança. Educação integral, de qualidade e ao longo da vida, entendida, segundo o Instituto Nacional de Estatística (2020), como todas as formações realizadas ao longo da vida: geral, pessoal, profissional, quer no sistema de ensino formal, quer através de outro tipo de atividades. A própria União Europeia define a aprendizagem ao longo da vida como “qualquer atividade de aprendizagem desenvolvida ao longo da vida com o objetivo de melhorar conhecimentos, competências e aptidões numa perspetiva pessoal, cívica, social ou laboral” (p. 1).

Desta forma, falar em educação ao longo da vida e/ou formação e aprendizagem ao longo da vida torna-se um dos elementos fundamentais para que exista uma verdadeira inclusão e qualidade de vida, visto que, em inúmeras ocasiões, pessoas com menos oportunidades que terminam a sua formação no sistema regulamentado e obrigatório (ensino primário, ensino secundário, formação profissional) não conseguem aceder a um ensino de qualidade e são excluídos, o que, por sua vez, tem graves repercussões no seu posterior acesso ao mercado de trabalho. Portanto, projetos como este criam cenários inclusivos e desenvolvem processos de aprendizagem em contextos inclusivos que permitem que as pessoas tenham oportunidades e apoio necessários para realizar os seus próprios processos de aprendizagem e avançar na sua inclusão educacional, social, cultural e laboral (Down España: educação e formação permanente: diversidade e inclusão, 2019). O projeto aposta também na inovação, investigação, cooperação e sustentabilidade como formas de criar recursos para a inclusão e coesão social.

Por outro lado, a arte e a cultura são meios de inclusão e promoção social, que melhoram a confiança das pessoas que participam dos processos criativos, a sua capacidade de autoaperfeiçoamento e, conseqüentemente, a sua qualidade de vida. Além de serem elementos motivadores para a sua vida futura, uma vez que o participante se sente parte importante do processo criativo e também, como assinalam Fontal, Gomez-Redondo e Pérez (2015), “a educação artística inculca diferentes valores identitários para que os sujeitos adquiram diferentes recursos para se definirem em novos contextos culturais e na construção do património individual e coletivo” (p. 157). Da mesma forma, Fontal (2008), no seu artigo para uma educação artística patrimonial, afirma que através da educação artística são desenvolvidos valores, pensamento crítico, reflexões, ações e atitudes de reconstrução social, seguindo as contribuições de Calbó e Juanola na sua obra Rumo a Modelos Globais de avaliação artística (2004), acrescentando que essas práticas geram uma visão da arte centrada nas relações entre as comunidades e a participação e interação da população, o que leva a uma relação mais equitativa com outras comunidades, resultando numa redução dos riscos sociais e desigualdades e maior inclusão da população.

Neste sentido, projetos como o E-crafts têm a capacidade de iniciar um processo contínuo e de envolver um grupo de pessoas de diversas origens e riquezas num processo de trabalho colaborativo que se materializa nos múltiplos recursos e resultados a que dá origem. Dessa forma, o projeto colaborativo busca o envolvimento com o contexto social, que visa a melhoria da sociedade e o impacto ambiental, favorecendo a participação da população envolvida. (Blanco, 2005).



Assim, pode-se concluir que, no âmbito da prática artística, é dada especial importância à relação e comunicação entre as pessoas, ou seja, ao diálogo, ao debate e à reflexão, de forma a criar um sentimento de pertença e assim o desenvolvimento comunitário e não apenas individual. Todos esses fatores têm impacto na prevenção da exclusão, pois, como afirmam Laparra e Pérez (2008):

O conceito de exclusão, muito difundido na Europa, permite incluir três aspetos fundamentais nesta conceção das situações de dificuldade: a sua origem estrutural, o seu carácter multidimensional e o seu carácter processual e dinâmico. A tradição francesa de análise sociológica, da qual deriva o termo exclusão, entende a exclusão como um processo social de perda de integração que inclui não apenas a falta de renda e o afastamento do mercado de trabalho, mas também o enfraquecimento dos laços sociais, o declínio da participação social e, portanto, perda de direitos sociais (p.1).

Assim, como refere a equipa do Observatorio del Tercer Sector de Bizkaia (2012), quando falamos de inclusão social, devemos ter presente que esta implica o exercício pleno e efetivo de direitos como o acesso à educação, ao emprego, à cultura, habitação, saúde, entre outros. Assim como o direito à informação, às redes e relacionamentos de apoio, etc. Ou seja, falar de inclusão também tem que ver com a geração de oportunidades de expressão da própria pessoa que lhe permita desenvolver-se de forma plena e ter uma participação ativa na sociedade, na cultura, etc.

Portanto, a arte incide sobre as causas que geram situações e processos de exclusão e promove processos de inclusão. Especificamente:

- Pode contribuir para a obtenção de oportunidades de ocupação e emprego e para lutar contra a exclusão económica.
- Oferece formas de encontro, comunicação e refiliação quando falamos de exclusão como processo de desvinculação das redes sociais.
- Pode constituir um espaço de participação social e uma ferramenta fundamental para a transformação social através da sensibilização, denúncia e proposição de alternativas quando falamos de exclusão como perda de direitos sociais e de oportunidades para o exercício da cidadania ativa.
- Pode ser um instrumento para o reconhecimento e valorização das diferenças e a transformação de todos aqueles elementos culturais que geram discriminação por sexo, idade, origem ou deficiência, entre muitos outros.

Assim, conclui-se que qualquer projeto que vise promover a inclusão social deve ter um componente fundamental: a transformação. Isso implica que:

Os projetos levam em consideração o carácter estrutural, multidimensional e dinâmico da exclusão, incidem sobre o maior número possível de fatores, tentando reverter os processos de exclusão e permitem, em última instância, ampliar as oportunidades dos beneficiários para que possam exercer efetiva e ativamente a sua cidadania, crescer como pessoas e desenvolver os seus projetos de vida (ibidem p. 21).



3.3 Etnografia, identidade e património cultural

Os conceitos de etnografia, identidade e património cultural estão inevitavelmente interligados. A etnografia é o processo de estudar e descrever uma determinada sociedade humana – portanto, a sua identidade – e geralmente requer trabalho de campo e imersão completa na vida e na cultura das pessoas nas quais o estudo está focado (Till, 2009). Em vez de metodologia por si só, é definida como uma estratégia de pesquisa, porque envolve uma variedade de projetos de pesquisa, métodos, ferramentas analíticas, perspetivas teóricas e formas de representação. No entanto, quando se trata do estudo de instituições, como a educação, a definição do que está dentro ou fora da definição de etnografia confunde-se.

A pesquisa educacional tem sido tradicionalmente dominada por estas concepções quantitativas e experimentais de pesquisa (Hammersley, 2006). Por outro lado, a etnografia envolve participação, observação, escuta, reflexão, experiência, escrita e aprendizagem de pessoas, ambientes, situações, instituições, através de uma abordagem sistemática, abrangente e temática.

Os dois principais aspetos práticos a considerar ao planear um estudo etnográfico são:

- Os estudos consomem muito tempo – pergunte-se sempre se terá tempo suficiente dentro do prazo; e se o projeto suportará os custos.
- Certifique-se de obter a cooperação da organização/grupo/sociedade que deseja observar e decida se deseja observar toda a organização, uma parte dela ou um corte transversal.

A identidade e o património cultural são frequentemente estudados no âmbito de um projeto de investigação etnográfica. Além disso, por vezes sobrepõem-se quando se trata de entender o valor cultural e social de uma população – “definir o valor do património cultural significa analisar a identidade do local e o seu conteúdo de herança” (Niglio, 2014). Se o património cultural pode ser definido (mas limitado) por duas dimensões – tangível e imaterial – e considera os sítios arquitetónicos e naturais, bem como o conjunto de práticas, expressões, conhecimentos, objetos e espaço a eles associados, a definição de identidade não possui um conjunto de elementos específicos. Pelo entendimento comum, pode-se facilmente dizer-se que a identidade é o que representa quem o indivíduo é, o que é – claramente muito amplo. Neste ponto, o património cultural define a identidade de um país (pelo menos parte dele). Segundo Lamont (2001, pp. 171-172) “a identidade é construída, mas delimitada pelos repertórios culturais aos quais as pessoas têm acesso e pelo contexto estrutural em que vivem”. Portanto, esta definição implica que a própria identidade encontra sentido dentro de limites simbólicos – o que define algumas pessoas, grupos e coisas enquanto exclui outras –, que são fluidas e nascem em oposição a outros limites ou entidades.

Em relação ao fenómeno upcycling, a conceituação do termo é rastreável na virada do século 21 (McDonough & Braungart, 2010). Pode-se dizer que está a tornar-se parte da identidade cultural das sociedades contemporâneas, especialmente dos Millennials e da Geração Z. Na onda de tendências mais ambientalistas que estão a tomar conta de diversos domínios – como moda e design –, o upcycling também se tornou uma marca que identifica visualmente os atores sociais que desenvolvem um senso ético ambiental de moda, design e produto em geral. Ao mesmo tempo, o upcycling pode representar uma ponte cultural entre gerações de reinterpretação de formas históricas de artesanato que gradualmente desapareceriam do conhecimento comum.



3.4 Processo criativo e ecologia do saber

O processo criativo e a ecologia do saber possuem significados diferentes, porém, estão relacionados entre si. A primeira está associada ao ciclo de aprendizagem experiencial, teoria criada por David Kolb (1984), teórico dos Estados Unidos, enquanto que um dos precursores da ecologia do saber é Boaventura de Sousa, cientista social e professor em Portugal.

Para garantir um processo criativo de aprendizagem, a experiência de um indivíduo deve envolver quatro itens principais, segundo a teoria da aprendizagem experiencial: experiência, reflexão, generalização e aplicação.

A experiência é o primeiro passo, o indivíduo deve vivenciar alguma atividade ou treino, por exemplo, para obter conhecimento sobre algum assunto. O segundo passo é a reflexão, depois de ter a experiência é preciso refletir sobre ela, lembrando o que foi feito, como foi feito, por que foi feito, qual o motivo, como se sentiu nesse processo, etc, essas perguntas vão contribuir para absorver o conhecimento e refletir sobre o que faz sentido ou não. O próximo passo aqui é a generalização, este é o momento de procurar padrões, teorias e pontos comuns desta experiência, vendo como ela se relaciona com o “mundo real”. A última etapa deste método de aprendizagem é a aplicação, depois de passar por cada uma das etapas, é hora de colocar todo o conhecimento obtido em contextos reais, aplicando-os nas nossas próprias vidas. Por se tratar de um ciclo, não há um ponto específico para começar ou terminar, é possível começar a partir de qualquer uma das quatro etapas, a única regra para garantir a concretização da aprendizagem experiencial é passar por todas as quatro etapas, independentemente de onde se inicia.

A ecologia do conhecimento está totalmente ligada à aprendizagem experiencial, pois o objetivo principal, neste caso, é associar o conhecimento acadêmico ao conhecimento popular, obter este conhecimento através das populações locais, ou da população que vive determinado contexto, integrando-o nas teorias de cientistas e indivíduos que o estudam academicamente. Um exemplo disso é envolver a perícia da população indígena quando o objetivo é obter conhecimento sobre a biodiversidade da floresta, relacionando-a com a aprendizagem dos cientistas.

Para este projeto especificamente, a ecologia do conhecimento está relacionada com o artesanato sendo um tipo de conhecimento que geralmente é transmitido de geração em geração, oralmente e incorporado numa cultura através de crenças e saberes ancestrais, sendo considerado um patrimônio cultural de um determinado local e população.

4. Guia do Usuário

4.1 Enquadramento metodológico e pedagógico

O enquadramento metodológico e pedagógico deste manual é composto pela aprendizagem experiencial e ecologia do saber descrita na seção anterior. Com o objetivo de complementar ambos os enquadramentos, recorre-se aos referenciais da educação não formal com base num projeto anterior da Rosto Solidário denominado “É de gênero” em parceria com a Rede Inducar e financiado pelo “Programa Cidadania Ativa”, que contempla sete princípios fundamentais, sendo eles:



- Participação de todos e corresponsabilidade - é fundamental que todos os participantes tenham a oportunidade de participar durante o processo de aprendizagem, sentindo-se motivados e encorajados a dar contribuições de acordo com suas habilidades e interesses, e sendo corresponsáveis pelo seu próprio processo de aprendizagem.
- Centrado nos participantes - o processo de aprendizagem deve ser adaptado de acordo com as expectativas e interesses individuais e coletivos, envolvendo os participantes na reflexão sobre o processo e fazendo uma análise crítica.
- Estratégia de aprendizagem mútua - o processo de aprendizagem deve ser horizontal, dando espaço para que todos os participantes colaborem com o grupo, utilizando estratégias interativas que envolvam o coletivo.
- Combinação de métodos - este princípio é muito literal, a ideia é usar diferentes métodos e técnicas durante o processo de aprendizagem, garantindo que os diferentes estilos de aprendizagem estejam envolvidos, promovendo a inclusão de todos os participantes.
- Desenvolvimento Integrado de Competências - é importante considerar o desenvolvimento de competências como um dos objetivos do processo de aprendizagem, sabendo exatamente quais as competências que se pretende desenvolver e integrando todas elas, através de diferentes conhecimentos, perspectivas, habilidades e comportamentos.
- Transformação da realidade - para garantir uma transformação na realidade dos participantes, é necessário, primeiro, criar um contexto de acordo com a sua própria realidade, devendo ter-se em conta três itens: não há verdades definitivas, promover a desconstrução de ideias e incentivar ações transformadoras.
- Ambiente seguro de aprendizagem - o último princípio, mas não menos importante, está relacionado com um ambiente seguro, é muito importante que os participantes se sintam à vontade para se exprimirem, ou não se expressar quando acharem que não é o momento adequado para isso. Para garantir isto, é fundamental criar um ambiente seguro, onde o facilitador demonstre confiança e não julgamento ao grupo, e faça com que todos os integrantes confiem uns nos outros, respeitem as diferentes opiniões e não tenham medo do fracasso.

Com o objetivo de integrar todos esses aspetos, foi realizada uma sessão com os participantes do projeto, incluindo artesãos, membros da equipa do projeto, migrantes e pessoas em contexto de vulnerabilidade, onde foram convidados a definir cada um dos sete princípios acima descritos e dar ideias sobre como executá-los. Os resultados estão descritos abaixo:

Participação de todos e corresponsabilidade

- Criar espaço para que os participantes tomem decisões, troquem conhecimentos, obtendo informações deles;
- Envolver os participantes e compartilhe responsabilidades, fazendo com que todos se sintam responsáveis para que o processo ocorra bem;
- Ter uma explicação clara e depois deixar que os participantes façam sozinhos, exercendo a independência, liberdade e autonomia;
- Certifique-se de que todos estão no mesmo nível, tomar decisões em grupo e inspirações individuais, levando em consideração as diferentes habilidades para promover a verdadeira inclusão e a plena participação de todos.

Centrado nos participantes

- É bom ter no final um produto que fica para os participantes;



- Seja flexível e mude as sessões de acordo com os interesses dos participantes;
- Ter a possibilidade de experimentar as técnicas, seguindo as instruções mas também seguindo o fluxo, deixando-se inspirar pelo andamento das coisas e fazendo perguntas se quiserem;
- A linguagem verbal não é tão importante para as atividades práticas, porém, deve ser considerada nas atividades teóricas, adaptando-se aos participantes caso tenham diferentes línguas maternas;
- Possibilidade de cada participante trabalhar ao seu próprio ritmo.

Estratégia de aprendizagem mútua

- A possibilidade de aprender com especialistas sem se sentir desconfortável com a falta de conhecimento ou experiência, quando o facilitador aceita o risco de fracasso, os alunos podem facilmente empatizar com ele ou com ela;
- Aulas com diferentes níveis de habilidade melhoram o cuidado mútuo entre os participantes, a ação de compartilhar e ajudar cria um ambiente acolhedor e próximo, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e do grupo;
- Participação ativa;
- A melhor forma de aprender é ensinando. Crie experiências de aprendizagem que exijam que os aprendentes se tornem professores.

Combinação de métodos

- Interessante combinação de métodos para aprender atividades e nomes dos participantes;
- O intercâmbio de combinações de técnicas trará mais conhecimento para um novo processo de aprendizagem, como a presença de diferentes artesãos que permite utilizar diferentes métodos para uma mesma técnica, por exemplo;
- Analisar quais métodos funcionam melhor em contextos específicos, adaptando-os ao estágio do processo dos participantes;
- É bom ter duas oficinas a acontecer ao mesmo tempo, na mesma sala, assim as pessoas podem ter a chance de transitar entre elas;
- Utilizar os diferentes tipos de estratégias de aprendizagem, vendo, ouvindo, fazendo, ensinando, etc; e incorporá-las na vida diária.

Desenvolvimento Integrado de Competências

- Desenvolver um programa que integre inteligência emocional e trabalhe com os cinco sentidos;
- Ao vivenciar as técnicas há também o desenvolvimento de outras soft skills, bem como a criação de networking e a aprendizagem de como lidar com frustrações e expectativas. Por exemplo, se alguém está frustrado porque não consegue executar a técnica, algum participante do grupo pode ajudar os outros participantes a não desistirem;
- Pratique por sequências ou níveis, verifique o conhecimento da percepção dos participantes sobre como as oficinas se desenvolvem. Deixe os participantes serem livres para fazer as coisas de uma maneira diferente, se quiserem.

Transformação da realidade

- A transformação da realidade vem do trabalho em equipa, valorizando atitudes simples;
- É importante acompanhar todo o processo de aprendizagem e construção de algo, vendo o produto final;



- Olhe para o desperdício e não veja como um lixo, mas como um material potencial para criar outra coisa;
- Melhorar a educação para se tornar a chave da transformação, com foco no meio ambiente e em todos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS);
- Aprenda diferentes olhares sobre o mesmo assunto, veja que diferentes técnicas podem produzir o mesmo resultado, trazendo a nova aprendizagem para casa e aplicando nas rotinas;
- Para mudar a realidade, devemos ser ou fazer parte dessa realidade, é preciso compreendê-la por dentro;
- Permitir que conheçam a realidade dos outros participantes, abrindo os olhares sobre o mundo e a sua própria realidade. Misture pessoas de origens e culturas diferentes na mesma sessão;

Ambiente de aprendizagem segura

- Fazer com que os participantes se sintam à vontade para tentar e falhar sem se sentirem julgados, tendo empatia com a situação de cada um e criando espaços de confiança;
- Saber quais são as necessidades comuns, considerando os medos, preferências e necessidades dos participantes;
- Quando existir uma barreira de linguagem verbal, tente fazer de outra maneira, ou peça a alguém que traduza para a língua materna dos participantes;
- Faça quebra-gelos antes de iniciar qualquer atividade, dê tempo para que os participantes se conheçam;
- Promover a integração, entreaajuda e adaptação caso seja necessário;
- Seja honesto.

4.2 Descrição de materiais e técnicas

TECIDOS, COURO E LONAS:

Os tecidos nascem da necessidade humana de se proteger e de se isolar do frio, da chuva pela sua impermeabilidade e outros efeitos climáticos. No período neolítico, o linho era fiado para o verão e a lã para o inverno. No passado, os tecidos de seda eram fabricados na China por volta de 3000 aC (Jean Noël Robert, 2002). Os egípcios também conseguiram obter linho fino e tecidos de algodão. No México, os indígenas fabricavam os seus tecidos a partir do algodão e das fibras extraídas e tratadas do magüey. Os principais materiais utilizados pela indústria desde a antiguidade são: lã, seda, linho, algodão, cânhamo, biso e fios de ouro ou prata-ouro. Outro material é o couro ou couro animal tratado por curtimento. É um material muito resistente e flexível. Muito fácil de manusear. Este material é utilizado desde a época do Império Romano e tem diferentes utilizações: vestuário, construção, militar, ferramentas e encadernação.

A indústria têxtil e da moda é uma das mais poluentes do planeta. Os principais efeitos sobre o meio ambiente são detalhados abaixo (SN, 2021).

- Uso de água. É necessária muita água para produzir têxteis, bem como, terra para cultivar algodão e outras fibras. Para fazer uma única T-shirt de algodão são necessários 2.700 litros de água doce, a mesma quantidade de água que uma pessoa precisa para suprir as suas necessidades durante dois anos e meio.
- Poluição da água. Estima-se que a produção têxtil seja responsável por cerca de 20% da poluição das águas limpas do mundo pelo processo de tingimento e acabamento. A roupa é responsável por 35% dos microplásticos primários libertados no meio ambiente.



- Emissões de gases com efeito estufa. Estima-se que a indústria da moda é responsável por 10% das emissões globais de carbono, mais do que todos os voos e remessas internacionais juntos.
- Resíduos têxteis em aterros. Menos de 1% das roupas são recicladas como roupas novas.

Uma das possíveis soluções para este problema é a promoção da economia circular. Por se tratar de um material de fácil manipulação, várias técnicas podem ser utilizadas para criar novos tecidos e, finalmente, novos usos: corte, costura à mão e à máquina, e alfaiataria.

MADEIRA:

A madeira é um material natural, flexível e resistente gerado pelos troncos de diversos tipos de árvores. Depois de cortada e seca, a madeira é utilizada para a construção de edifícios, meios de transporte (barcos ou carruagens), elaboração de móveis e outros elementos. Quando usado como combustível, é chamado de lenha.

A utilização da madeira pode ser uma boa forma de conservar as florestas e proteger o meio ambiente. Quando as florestas são geridas de forma responsável, promove-se a melhoria de habitats valiosos para espécies de flora e fauna, os direitos e terras indígenas são respeitados e os serviços que as florestas nos prestam são mantidos: água, ar puro, paisagem, recreação, tradições culturais e religiosas. Segundo a Ecologists in Action (2008), quase 20% das emissões globais de gases com efeito de estufa provêm da desflorestação e da degradação florestal. Por isso, escolher madeira de boa qualidade ou móveis reaproveitados é colaborar com a gestão adequada das florestas.

Que soluções existem para reduzir os gases com efeito de estufa nesta área? A primeira coisa é sempre a redução do consumo excessivo: utilização de móveis usados, madeira de demolição, reaproveitamento, reciclagem. Outra medida é sempre usar madeira de origem local para reduzir a poluição e promover o desenvolvimento económico nas áreas rurais. Outra recomendação é o uso de madeira imperfeita. É preciso fugir das modas e para isso, podemos utilizar algumas destas técnicas que vão ajudar na preservação do meio ambiente e dar uma segunda vida à madeira e aos móveis: preparação, verniz, lixagem e recuperação.

VIDRO:

O vidro é um material inorgânico duro, frágil, transparente e amorfo encontrado na natureza, embora também possa ser fabricado pelo homem. O vidro é usado para janelas, lentes e garrafas, entre muitas outras coisas. A principal vantagem do vidro é que os seus componentes são areias naturais que formam um material totalmente reciclável e não há limite para o número de vezes que pode ser reprocessado. Além disso, com o tempo, não perde qualidade. A reciclagem é uma atividade tão antiga quanto a própria história.

O aquecimento global ou a superexploração dos recursos são alguns dos desafios do momento. Um dos maiores benefícios deste material é o cuidado com o meio ambiente. A reciclagem de embalagens de vidro desempenha um papel muito importante na redução dos efeitos das mudanças climáticas e na proteção dos recursos naturais. Ao fazê-lo:

- Evitamos extrair areia, soda e calcário da natureza, o que nos ajuda a economizar recursos.



- Economizamos energia porque a temperatura necessária para derreter o vidro é menor do que a necessária para derreter a matéria-prima.
- Evitamos as emissões de CO₂. O vidro reciclado requer 20% menos (Laura García, 2020) de energia no seu processo de fabricação devido à economia de combustível.
- Reduz o desperdício gerado: evita que estes recursos acabem no aterro como lixo e poluam o meio ambiente.

Em relação às questões ambientais, algumas técnicas que ajudam a trabalhar o vidro e, em última instância, a preservar o meio ambiente, são o calor para moldar o material, a pintura decorativa e o corte para adequar o material às necessidades das pessoas que utilizam o produto final.

CORTIÇA:

A cortiça é a casca do sobreiro. Segundo a RETECORK, a produção mundial de cortiça é de cerca de 340.000 toneladas, das quais Portugal produz 61%, Espanha 30% e Itália 6% (IPROCOR, 1991). Algumas das propriedades da cortiça são leveza, elasticidade, alto coeficiente de atrito, impermeabilidade, alto poder calorífico, fácil maneabilidade, baixo teor de água e isolamento térmico.

A cortiça, sendo um material 100% natural, é também renovável, reciclável, biodegradável e com muito pouco impacto na emissão de gases com efeito estufa para a atmosfera (CO₂) no seu processo produtivo, pelo que também ajuda a minimizar a pegada de carbono.

Este material é obtido através dos chamados “sacos”, ou seja, extraído da casca do sobreiro. Se a casca do sobreiro não for retirada, as árvores acabam por morrer, pelo que, para além de criar riqueza, a indústria da cortiça é essencial para preservar a biodiversidade e combater a desertificação. É uma relação entre iguais através da exploração agro-sustentável.

O sobreiro é uma das espécies que mais absorve CO₂ na sua fotossíntese. Por cada kg de cortiça são absorvidos e limpos da atmosfera 50 kg de CO₂, essencial para o combate às alterações climáticas (Corkup, sf).

Uma vez adulta, esta árvore torna-se o centro da vida de uma floresta: serve de abrigo a uma grande variedade de animais, retém a humidade do solo e as suas raízes ajudam na erosão do solo.

Várias técnicas podem ser desenvolvidas para reaproveitar e trabalhar este material e dar-lhe uma segunda chance: esculpir, pintar, cortar, colar, e moldar.

PAPEL:

A história do papel está relacionada com a história da cultura e da ciência. A invenção do papel permitiu substituir o papiro e o pergaminho por materiais mais simples e económicos.

A primeira definição de papel segundo a Enciclopédia Dei Ragazzi de Treccani (século XX) fala de um material indispensável para a difusão de ideias na vida quotidiana. Ao longo dos séculos, o papel muito contribuiu para o progresso, para a participação dos cidadãos na vida democrática e para a elevação do nível médio de cultura e educação.



O papel é um material formado por uma folha de polpa de celulose. O seu uso é originário da China e, através dos árabes, espalhou-se para a Europa.

A produção de papel requer a utilização de recursos materiais consideráveis, energia elétrica, gás metano e aditivos químicos poluentes. Por tudo isso, é importante reciclar este material para diminuir o impacto ambiental.

A reciclagem de papel é o processo de recuperação do papel já criado ou utilizado para transformá-lo em novos produtos de papel. Alguns motivos para reciclar papel são a poupança de 17 árvores adultas, 2,5 metros cúbicos de resíduos, 27.000 litros de água, 1.440 litros de óleo, 4.100 quilowatts-hora de energia e 27 quilos de poluentes por cada tonelada de papel reciclado, face à produção dessa mesma tonelada de papel virgem (Nuvia Ávila Tejeiro, 2019).

PLÁSTICO:

Este material revolucionou a indústria humana. Foi desenvolvido no final do século 19 como um substituto para o marfim.

Plástico é o nome genérico e comum dado a uma série de substâncias com estrutura molecular e características físico-químicas semelhantes, cuja característica fundamental é possuir elasticidade e flexibilidade permitindo a sua moldagem e adaptação a diferentes formas. O seu nome vem do termo plasticidade (capacidade de adquirir certas formas).

A maioria dos plásticos são materiais sintéticos e derivados de petróleo. Em termos ecológicos, é a principal fonte de poluição sólida do planeta.

No entanto, surgiu um problema com o uso deste material. Atualmente representam uma ameaça ao ecossistema, principalmente nos mares (destino final de muitos deles). Todos os anos, mares e oceanos recebem até 12 milhões de toneladas de lixo.

A produção de plásticos está em constante crescimento, a sua fácil dispersão e o seu lento processo de degradação fazem deste material o principal inimigo dos oceanos e mares.

Agora, mais do que nunca, reciclar objetos é uma alternativa para o consumo e o meio ambiente. O uso de técnicas como calor, pintura e corte ajudam a dar uma segunda vida a muitos produtos feitos com este material.

TODOS AS SOBRAS DE MATERIAIS:

Ao fazermos isto temos a oportunidade de desenvolver e trabalhar a nossa criatividade, enquanto contribuimos para o upcycling. No nosso dia-a-dia, utilizamos uma grande variedade de produtos que podem ser reciclados e adaptados a novas necessidades através da montagem.



4.3 Recomendações de Uso

O projeto E-Crafts aborda a necessidade de empoderamento de adultos – especialmente com menos oportunidades – com ferramentas que promovam a criatividade e o desenvolvimento de novas competências em sustentabilidade e bem-estar, em resposta aos atuais desafios ambientais, sociais, culturais, sistemáticos, individuais e dinâmicos. Isso levou à criação de um manual escrito (este aqui) e um kit de ferramentas on-line com material em vídeo e anexos para explicar as técnicas e como planejar os workshops.

Entre todas as técnicas reunidas e testadas, existem diferenças não apenas baseadas nos processos individuais para dominar cada uma delas (dimensão vertical), mas também em termos de como elas podem ser adaptáveis a vários contextos e participantes e em que medida essas técnicas podem ser misturadas ou integradas umas nas outras para dar forma a novas oficinas.

As dicas básicas para os facilitadores conseguirem implementar as técnicas noutro contexto são:

- Primeiro, estude a técnica (por exemplo, materiais, conhecimento prévio, possíveis barreiras físicas, espaço necessário). Não há como ensinar o que não se sabe.
- Certifique-se de prever todas as possíveis desvantagens ou riscos e, em seguida, tente evitá-los planejando soluções adaptáveis com antecedência. Liste-os como riscos e oportunidades, para que tenha a certeza de ter uma solução para cada potencial problema ou risco.
- Conheça o público-alvo, portanto comunicar em conformidade. Tente mantê-lo da maneira mais simples possível.
- Envolver ativamente os participantes e ajudá-los a construir autoconfiança. Durante o exercício, incentivando-os a cada passo e aos pequenos sucessos que obtiverem ao longo da atividade.
- Certifique-se de que ninguém é deixado para trás; cada participante terá uma manuseio diferente, portanto modere as instruções e a ajuda para evitar frustrações. Por exemplo, estabeleça passos básicos claros e simples e, dependendo do conforto prático individual e da compreensão da técnica, adapte as sugestões e a extensão da sua ajuda.
- Mostre os resultados em várias etapas em vez de apenas o produto final; evita comparações entre os seus resultados e dos participantes. Além disso, ajudará a focar em etapas mais viáveis se souber o que se espera como resultado de cada fase.
- Use o kit de ferramentas online, especialmente os vídeos, para mostrar as técnicas antes da atividade presencial.

Sugestões adicionais para workshops mais avançados:

- Caso domine uma área de aplicação com certa experiência, uma ótima ideia pode ser misturar técnicas para projetar workshops avançados (por exemplo, preparação de madeira, laqué, decapé e decoupage)
- Escolha técnicas complementares tentando evitar perda de tempo entre diferentes operações (por exemplo, enquanto o revestimento está a secar numa peça de madeira, comece a preparação para outras peças).
- Planeie o workshop para trabalhar em paralelo com várias técnicas que usam os mesmos instrumentos ou materiais. Por exemplo, em vez de agrupar por área, tente agrupar por tópico ou semelhanças, ou por resultados de design esperados (por exemplo, integrar preparação de madeira com refashion para obter móveis de madeira com técnicas de tecido ou agrupar as oficinas com couro e telas publicitárias, estes materiais funcionam com as mesmas ferramentas e equipamentos e a técnica aplicada a cada um deles é semelhante).

Para além das sugestões para a conceção e realização de um workshop, é fundamental ter em atenção o que os workshops pretendem:

- Criar conhecimento e conscientização sobre upcycling através de técnicas criativas e artesanais;
- Promover o empoderamento de adultos com foco em pessoas com menos oportunidades;
- Quebrar as barreiras culturais para construir uma rede;
- Cultivar o envolvimento ponto a ponto enquanto desenvolve novas ideias;
- Visualizar possíveis perspetivas empreendedoras;
- Promover a inovação (por exemplo social, cultural, empreendedora).

Por fim, considere que, por definição, se trata de atividades de aprender na prática, portanto procure estimular a liberdade de expressão, o feedback e a auto adaptação para melhorar cada workshop que desenvolver ou aplicar.

5. Técnicas e métodos

5.1 Lonas de Publicidade – Técnica de Dobragem

Neste workshop vamos experimentar a potencialidade da lona publicitária como superfície para a criação de novos produtos, como carteiras e malas. Usaremos a tela como tecido, cortando-a com tesoura e com o auxílio de moldes. Ao invés de costurá-la, vamos aproveitar as dobras para criar produtos únicos que possam ser práticos e bonitos. Também podemos adicionar cordas e fechos de pressão como formas de fechar as nossas carteiras.



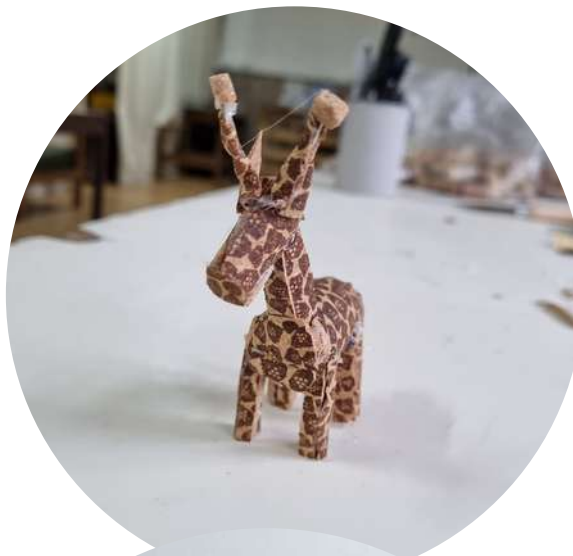
5.2 Lonas Publicitárias – Técnicas de Costura

Neste workshop vamos experimentar a potencialidade da lona publicitária como superfície para a criação de novos produtos, como carteiras e malas. Usaremos a tela como tecido, cortando-a com tesoura e com o auxílio de moldes. Faremos pequenos furos com uma ferramenta perfuradora, que usaremos para costurar as peças, com agulhas e linha encerada. Também utilizando um punção e um alicate de brocas rotativas, podemos adicionar fechos de pressão às nossas peças, para fechar e abrir os produtos.



5.3 Entalhe/Escultura com cortiça

Escultura, montagem e pintura. Criar arte a partir de materiais que normalmente se deitam fora, neste caso específico com a rolha de vinho.



5.4 Fios de algodão (tecido)

Nesta oficina vamos usar fio de algodão feito de resíduos têxteis para criar recipientes com a ajuda de moldes e o uso de cola branca. Escolhendo nosso molde, o fio deve ser embebido numa mistura de cola branca e água, espremendo o excesso, e colocando no molde, seguindo o seu formato. Depois de alguns dias, a cola vai secar e o fio de algodão terá o formato dos moldes.



5.5 Decoupage

A Decoupage é uma técnica artesanal conhecida como técnica do guardanapo de papel, muito fácil de aplicar pois é utilizada em vários materiais, versátil e permite criar diversos objetos decorativos. É uma técnica muito simples, mas é preciso ter cuidado e calma pois o papel e o guardanapo são muito frágeis. Esta técnica consiste em cobrir uma determinada superfície através do processo de recortar e colar o guardanapo de papel. Neste workshop vamos aplicar a técnica de decoupage em madeira, mas pode ser aplicada em vidro e metal.





5.6 Corte de Vidros

Trata-se de marcar as garrafas com uma roleta de vidro cortante, para depois abri-las através de uma mudança brusca de temperatura. Então, as bordas são polidas para que não cortem, e teríamos um vaso acabado.



5.7 Aprender a coser na máquina

Este workshop consiste em conhecer os vários componentes de uma máquina de costura, aprender a passar a linha na agulha e algumas técnicas básicas de coser. Termina colocando o conhecimento adquirido, para trabalhar na conclusão de um pequeno projeto.



5.8 Lacqué e Decapé

Esta oficina divide-se em dois processos complementares uma vez que o decapé não pode ser realizado sem a lacagem. Neste módulo serão abordados os tipos de tintas disponíveis no mercado (acrílica e esmalte), o processo de acabamento utilizado após a pintura (verniz) e uma maior ênfase na tinta lacada e decapé. Como a lacagem é normalmente realizada manualmente a nível industrial com pistola e compressor e tinta à base de água, acaba por ser uma pintura opaca. Decapé é um processo que consiste em lixar manualmente pequenas partes do móvel até que a madeira fique visível, dando à pintura um aspeto envelhecido e deixando a madeira brilhar.





5.9 Aprender a fazer moldes

A partir de um exemplo de pequenos acessórios de moda (porta-moedas) em 3D, farão um molde numa cartolina com as medidas das duas peças que compõem o acessório.

5.10 Pulseira de macramê com pingentes de vidro

Trata-se de aprender a fazer um nó de macramê que no futuro poderá ser útil para muitas situações, como fazer pulseiras ou objetos decorativos.

5.11 Papel Marché

Neste workshop vamos utilizar papéis descartado como jornais, reciclando-os em novos objetos artísticos ou utilitários. O primeiro passo é escolher e criar a forma geral do objeto que queremos desenvolver (pode ser feito com balões, papel, cartolina, arame, etc). Depois de feita a forma, cobrimo-la com tiras de papel que são mergulhadas numa mistura de cola branca e água. Isto significa que o papel é adicionado à forma que criamos, ajustando-se ao seu volume. Isto é repetido até que a forma esteja bem coberta com pelo menos 2 camadas. Dependendo do tempo, também, podemos experimentar a pasta de papel que pode ser criada com papel picado misturado com cola e água. A forma que criamos anteriormente pode ser coberta com esta pasta, possibilitando uma textura diferente, ajustar a forma e adicionar detalhes. Após o workshop, as pessoas poderão pintar suas criações com tintas acrílicas.



5.12 Moldar o Plástico

É uma técnica muito versátil. Consiste na confeção de formas plásticas moldadas com calor. Cada formato será diferente do outro e, portanto, único, montado com vários materiais para fazer bijuterias.



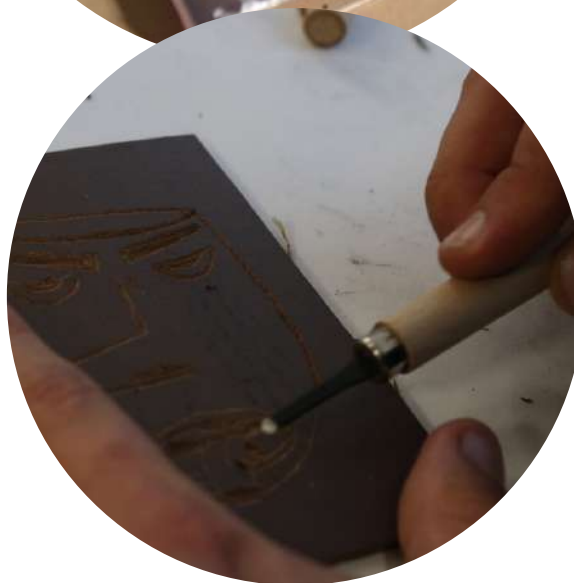
5.13 Patchwork

A partir de um molde de cartolina de um acessório de moda escolhido por cada participante, farão uma combinação de peças de um ou mais materiais. Estes retalhos são fixados com cola de contato sobre um material base de suporte (cartão, tecido, etc.) Depois recortam os materiais excedentes do molde. Com um vazador ou alicate de brocas rotativas, os orifícios de costura serão feitos, e depois cada peça será costurada à mão. Costuradas as abas das várias peças que compõem o acessório, é colado um forro de tecido a cada peça. Serão feitos os furos de costura nas peças para iniciar a montagem do acessório. Inicia-se a montagem do acessório, realizando a costura manual com agulha e linha de bordar.



5.14 Ex-libris personalizados

Realização de um ex-libris pessoal utilizando materiais reaproveitados e compostáveis como o linóleo e a madeira.



5.15 Porta-retrato

Reutilize em casa um objeto que não usa mais ou que deitaria fora e transforme-o num porta-retratos.



5.16 Refashion

Refashion é baseado na técnica de upcycling. O objetivo principal é dar um novo e maior valor a algo que de outra forma se tornaria lixo, usando técnicas de costura que envolvem roupas velhas ou retalhos de tecido.



5.17 Colagem

Colagens e criação de imagens usando restos de couro e tecidos ou outros materiais de sobras.





5.18 Estampagem com objetos

Tentaremos estampar todos os tipos de objetos com materiais caseiros.

5.19 Preparação da madeira

Para preparar um móvel para receber pintura, ou apenas trocar o verniz, alguns passos devem ser seguidos:

- A preparação da madeira tem várias técnicas, primeiro existem técnicas de remoção de cera (lavar os móveis com um esfregão para remover a cera) e vernizes (lixar à mão ou com lixadeira)
- Será explicado como diferenciar o verniz da cera, e como removê-los.
- Técnicas para alisar madeira, neste caso, quando a madeira está áspera, com textura, e queremos alisar a madeira com lixa manual ou lixadeira.
- No fim, explicar quando aplicar a tinta diretamente na madeira ou se deve aplicar um primário antes de pintar, pois existem várias técnicas de pintura.

5.20 Recuperação da Madeira

Restaurar um móvel requer algumas técnicas, a primeira é poder analisar o potencial do móvel, a qualidade da madeira e a textura do móvel, para depois poder transformá-lo ou restaurá-lo.

Depois, ser capaz de perceber o estado do móvel, ter a capacidade de restaurar uma parte danificada do móvel para compensar alguma falha. Técnicas para retirar o bicho da madeira (caruncho), habilidade para ver se o móvel tem bicho e que tratamento adotar. Explicar os tipos de tratamentos que existem no mercado: xilofeno, tratamento em gel e fumigação.

No final, ensinar como preencher os buracos que o caruncho deixa na madeira e como aplicar a massa da madeira.





6. Avaliação e Recomendação

A fim de ajudar os utilizadores e o facilitador a identificar qual seria a melhor técnica a abordar, de acordo com seu público-alvo ou objetivo, foi criada uma tabela para todas as técnicas incluindo o principal material utilizado e outros cinco critérios: Viabilidade, Exequibilidade, Complexidade, Desejabilidade e Nível de Segurança. A descrição e o significado de cada termo podem ser consultados abaixo:

- **Viabilidade.** A viabilidade do workshop refere-se à abrangência ou não dos temas do projeto e ao seu grau de sustentabilidade (curto, médio ou longo prazo). Ou seja, quão conveniente é incorporar este workshop em relação aos objetivos do projeto. A valorização deste parâmetro deve basear-se na avaliação e nas fichas de observação, olhando especificamente para as partes onde se inserem os temas do projeto (sustentabilidade, inclusão social, empreendedorismo, etc).
- **Exequibilidade.** A exequibilidade diz respeito a todos os elementos necessários para a realização do workshop. Ou seja, refere-se a materiais, custos, ferramentas, espaço, pessoal, tempo e assim por diante. O valor deste parâmetro deve ser baseado na descrição técnica contida na ficha do workshop e nos resultados reais da implementação (para perceber se o que está escrito corresponde à realidade da implementação). Além disso, considere também até que ponto o workshop é replicável noutro lugar.
- **Complexidade.** A complexidade diz respeito, principalmente, ao processo de aprendizagem e aos requisitos preliminares necessários para realizar a atividade. Por exemplo, quantas etapas são necessárias, o seu coeficiente de dificuldade na execução, se são necessárias habilidades específicas (físicas ou técnicas) ou diferentes tipos de requisitos/ajustes para metas específicas. Considere também se durante a fase de teste, os participantes precisaram de repetições ou mais tempo. O valor deste parâmetro deve ser baseado em fichas de avaliação e observação do ponto de vista do utilizador, e na ficha técnica do lado do artesão enquanto formador.
- **Desejabilidade.** A desejabilidade diz respeito à opinião dos usuários sobre a atividade, sejam eles satisfeitos ou não. Ou seja, se as suas expectativas foram atendidas e eles mostraram vontade de repetir o workshop sozinhos. O valor deste parâmetro deve ser baseado na ficha de avaliação e nas respostas do questionário que abarcam a satisfação e impressão dos participantes sobre a atividade.
- **Nível de Segurança:** foi baseado na observação dos trabalhadores, onde levaram em consideração os materiais utilizados durante as oficinas, o passo a passo e os riscos que isso poderia acarretar.

Valores de 1 a 5 foram atribuídos a cada um dos itens da tabela abaixo. Conforme já mencionado nas descrições de cada item, os valores incluídos na tabela foram construídos de acordo com as avaliações dos participantes dos workshops e dos trabalhadores que auxiliaram na facilitação e tiveram o papel de observadores.

Técnica	Material	Viabilidade	Exequibilidade	Complexibilidade	Desejabilidade	Nível de Segurança	Dicas Extras
Aprender a coser na máquina	Tecido	5	3	2	5	3	- Deve-se levar em consideração a máquina de costura e as agulhas.
Recuperação da Madeira	Madeira	5	3	2,5	3,5	3,5	- Deve considerar alguns produtos químicos para tratar a madeira.
Aprender a fazer moldes	Couro / Lonas Publicitárias	4	5	3	5	5	
Fio de algodão (tecido)	Tecido	4	4,5	1,5	4,5	5	- Considere o tempo extra para secar a cola.
Corte de vidros	Vidro	3	3	4	4	2	- Envolve fogo, água quente e vidro.
Patchwork	Couro	5	4,5	3	5	4	- Envolve alguns cortes com x-acto.
Preparação da Madeira	Madeira	4	3,5	3	3,5	4	- Envolve lixa elétrica, porém pode ser utilizada lixa manual. É necessário alguma pressão para lixar. Quando há um caruncho de madeira, é recomendável fazer primeiro a técnica de "recuperar madeira".
Moldar o Plástico	Plástico	3	5	1	2,5	3,5	- Use a máscara quando aquecer o plástico para evitar cheiro tóxico. - Envolve trabalho com velas ou algum tipo de fogo.
Entalhe/Escultura com cortiça	Cortiça	3,5	5	2	4,5	3	- Envolve o trabalho com uma faca.
Lonas Publicitárias – Técnica de Dobragem	Lonas Publicitárias	5	5	1	4	5	
Lacquê e decapé	Madeira	4,5	3	3	4	4	- A técnica de preparação da madeira deve ser concluída primeiro.
Lonas Publicitárias – Técnicas de costura	Lonas Publicitárias	4,5	4	3	4	4,5	- As agulhas podem ser agulhas cegas, tornando o workshop mais seguro.
Pulseira de macramé com pingentes de vidro	Fio	3,5	4,5	3	3,5	5	
Colagem	Tecido / Couro	4,6	4,3	2,3	4,6	4,6	
Papel Marché	Papel	4	5	1	5	5	
Decoupage	Madeira	4,5	3,5	3	4	4,5	The technique of wood preparation should be completed first.
Porta-retrato	Papel Cartão	3,6	5	1,3	4	4,6	- Esta oficina adapta-se muito bem aos recursos que temos em casa e queremos dar uma segunda vida nova.
Refashion	Tecido	4,5	3	4	4,5	3,5	- Deve-se considerar a máquina de costura e agulhas. Recomenda-se fazer primeiro a técnica "como coser na máquina".
Estampagem com objetos	Materiais reciclados	5	4,5	2	5	4	
Ex-libris personalizados	Linóleo	4,5	2	3	5	3,5	- Usa-se goivas para marcar o linóleo.

Pontuação: de 1 (mais baixo) a 5 (mais alto).



Após análise dos dados da tabela acima, obtemos as seguintes médias das 20 oficinas: Viabilidade (4,2), Exequibilidade (4), Complexidade (2,4), Desejabilidade (4,2), Nível de Segurança (4), sendo 1 o mais baixo e 5 o mais alto.

Podemos tirar as seguintes conclusões mais especificamente:

1. Viabilidade:

- Os workshops mais viáveis são: “Aprender a Coser na Máquina”, “Recuperação da Madeira”, “Patchwork” e “Estampagem com Materiais Reciclados”.
- Os workshops menos viáveis são: “Corte de Vidro” e “Moldar o Plástico”.

2. Exequibilidade:

- Os workshops mais exequíveis são: “Aprender a Fazer Moldes”, “Moldar o Plástico”, “Entalhe/Escultura com cortiça”, “Lona Publicitária - Técnica de Dobragem” e “Porta-Retratos”.
- O workshop menos exequível é: “Ex - Libris Personalizado”.

3. Complexidade:

- Os workshops mais complexos são: “Corte de Vidro” e “Refashion”.
- Workshops menos complexas são: “Modelar o Plástico”, “Lona Publicitária - Técnica de Dobragem” e “Papel Marche”.

4. Desejabilidade:

- Os workshops mais desejadas são: “Aprender a coser na Máquina”, “Aprender a Fazer Moldes”, “Patchwork” e “Papel Marche”.
- O workshop menos desejável é: “Moldar o Plástico”.

5. Nível de segurança:

- Os workshops mais seguros são: “Aprender a Fazer Moldes”, “Fio de Algodão (tecido)”, “Lona Publicitária - Técnica de Dobragem”, “Pulseira Macramê com pigentes de Vidro” e “Papel Marche”.
- A oficina com menos segurança é: “Corte de Vidro”.

No caso da Rosto Solidário, que trabalha principalmente com idosos, aposentados e desempregados, separamos os workshops em quatro grupos principais:

- Madeira: recuperação da madeira, preparação da madeira, laqué e decapé e decoupage.
- Materiais diversos: fio de algodão (tecido), corte de vidro, entalhe/escultura em cortiça, papel marche e porta-retratos.
- Couro e Lona Publicitária: aprender a fazer moldes, patchwork, lona publicitária – técnica de dobragem, lona publicitária – técnica de costura
- Técnicas de costura e estampagem: aprender a coser na máquina, refashion, estampagem com objetos e ex-libris personalizado.

De acordo com a experiência da Rosto Solidário, o grupo da madeira e as duas primeiras oficinas de costura foram as mais benéficas para este público-alvo específico. De acordo com o feedback dos participantes, todos os workshops são uma boa forma de convívio e socialização, evitando assim o isolamento. Porém, nos workshops de madeira e costura, os participantes aprendem de facto técnicas que agregam valor ao seu dia a dia, capacitando-os para pequenos reparos em casa e também podendo ser uma fonte de trabalho rentável.



A Fundação ASPAYM Castilla y León, pôde desenvolver os seus workshops em três lugares diferentes: Valladolid, Matapozuelos (Valladolid) e El Bierzo. Os grupos-alvo em Matapozuelos e El Bierzo eram idosos de áreas rurais, mas em Valladolid tiveram jovens com deficiências, especialmente físicas, a participar nos workshops. Separámos as oficinas em cinco grupos diferentes para o primeiro e segundo caso, e em quatro grupos para o terceiro caso:

- Matapozuelos e Valladolid:
 - Papel: Papel Marche
 - Papel Cartão: Porta-retrato
 - Linóleo: Ex-libris Personalizado
 - Couro: Patchwork e Colagem
 - Materiais reciclados: Estampagem com objetos
- El Bierzo:
 - Vidro: Corte de Vidro
 - Fio: Pulseira em macramê com pingentes de vidro
 - Lona Publicitária: Lona Publicitária - Técnica de Dobragem e Lona Publicitária - Técnica de Costura.
 - Plástico: Moldar Plástico

Tal como na Rosto Solidário, todos os workshops foram um ponto de encontro, um ponto de socialização e troca de ideias. Estes workshops permitiram que muitos dos participantes saíssem de sua zona de conforto e realizassem tarefas nas quais nunca tinham pensado antes. Os workshops que mais chamaram a sua atenção foram o Corte de Vidro e o Ex-libris Personalizado.

A experiência do CEIPES na implementação dos workshops seguiu uma lógica semelhante ao exemplo da Rosto Solidário: agrupamentos de técnicas que poderiam dar um sentido de continuidade e complementaridade em termos de trabalhos manuais e utilidade - madeira (ex. lixar, pintar), couro e tecido (ex. costurar, cortar), materiais diversos (ex. esculpir, colar, juntar) .

A CEIPES dirigiu-se a diferentes públicos-alvo, locais e internacionais. Por exemplo, foi o caso de um grupo de migrantes provenientes de diferentes países que estão a ser acolhidos em Palermo por um centro de acolhimento. Eles participaram em muitos workshops como parte de seu processo de inclusão. Adicionalmente, a CEIPES chegou a vários grupos sociais locais, como adultos desempregados, reformados e trabalhadores domésticos, mas também NEET (jovens que não trabalham e não estudam) e pessoas com deficiência.

Na maioria das vezes, os workshops foram uma ocasião de confraternização durante um período de adversidades sem precedentes. E foram exemplos de como diferentes grupos sociais podem trocar experiências sobre como estão a lidar com a pandemia e sobre a importância de atividades como estas para tirar as pessoas de sua rotina solitária. No entanto, os grupos manifestaram diferentes reações aos workshops. Por exemplo, enquanto os participantes locais socializavam e aprendiam novos hobbies (alguns mais úteis do que outros, em termos de candidaturas), para os migrantes, sobretudo, era uma possibilidade de libertar a mente, dedicar-se a algo que aliviasse a sua situação quotidiana e impactasse sua própria vida de forma positiva.



Bibliography

A Vida Portuguesa desde de sempre. Mantas Alentejanas. Acedido em 9 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.avidaportuguesa.com/pt/marcas/mantas-alentejanas>

Acauan, A.P. Revista PUCRS. Ecologia de Saberes. Acedido em 9 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/ecologia-de-saberes/>

Barcelos Município (2019). Rota da Olaria. Acedido em 10 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.cm-barcelos.pt/visitar/artesanato/rotas-do-artesanato/rota-da-olaria/>

Blake, J. (2000). On Defining the Cultural Heritage. *International & Comparative Law Quarterly*, 49(1), 61–85. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S002058930006396X>

Costa, T. F. T. (2018). A economia circular e o comportamento do consumidor: O caso das embalagens dos produtos alimentares [Dissertação de Mestrado, Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho]. Acedido em 10 de dezembro de 2021. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/59436/1/Tatiana%2bFilipa%2bTeixeira%2bda%2bCosta.pdf>

Figli d'arte Cuticchio, A. (2019). Origini dell'Opera dei Pupi. Associazione Figli d'Arte Cuticchio. Disponível em: <https://www.figlidartecuticchio.com/origini-dellopera-dei-pupi/>

Fogliazza, M. (2018, July 3). Il marmo di Carrara. Uno dei materiali più apprezzati al mondo. Disponível em: <https://italian-traditions.com/it/marmo-carrara-made-in-italy/>

Hammersley, M. (2006). Ethnography: Problems and prospects. *Ethnography and Education*, 1(1), 3–14. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17457820500512697>

Internazionale, M. degli A. E. e della C. (2021, January 22). UNESCO Intangible Cultural Heritage: Two new awards for Italy. *Italiana - Language, Culture, Creativity*. Disponível em: <https://italiana.esteri.it/italiana/en/culture/unesco-intangible-cultural-heritage-two-new-awards-for-italy/>

Jean Noël Robert. (2002). Relaciones entre el mundo romano y China: la tentación del Lejano Oriente. Acedido em 14 de junho de 2022. Disponível em: https://web.archive.org/web/20070522153024/http://www.clio.fr/BIBLIOTHEQUE/les_relations_entre_le_monde_romain_et_la_chine__la_tentation_du_far_east.asp



José María Fernández Navarro. (SF). Vidrio: ¿Qué es? Tipos, Propiedades, Características y Usos. Acedido em 14 de Junho de 2022. Disponível em: <https://www.ecologiahoy.com/vidrio>

Kolb, David A. (1984). *Experiential Learning. Experience as the source of learning and development*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall cop.

Lamont, M. (2001). Culture and Identity. In J. H. Turner (Ed.), *Handbook of Sociological Theory* (pp. 171–185). Springer US. Disponível em: https://doi.org/10.1007/0-387-36274-6_9

Laparra, M., & Pérez, B. (2008). La exclusión social en España: un espacio diverso y disperso en intensa transformación. VI Informe sobre exclusión y desarrollo social en España, 173-205. Disponível em: http://ibdigital.uib.es/greenstone/collect/portal_social/import/uib/uib0017.pdf

Laura García. (2020). Benefícios del vidrio: 7 curiosidades que desconocías. Acedido em 15 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://hablandoenvidrio.com/beneficios-del-vidrio/>

Lenzerini, F. (2011). Intangible Cultural Heritage: The Living Culture of Peoples. *European Journal of International Law*, 22(1), 101–120. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/ejil/chr006>

MacArthur, E. (2014). *Accelerating the Scale-Up Across Global Supply Chains. Towards the Circular Economy*; Ellen MacArthur Foundation: Cowes, UK, 3.

Made Murano Glass. (2022). Murano, the glass island. Made Murano Glass. Disponível em: <https://www.mademuranoglass.com/murano-made-murano-glass/>

Martins, F., Pereira, S.C., João, P.S., Monteiro, E.C., Cordeiro, J., & Cardoso, J. (2015). Manual de Formação “É de Género?” Igualdade de género, diversidade e cidadania global. Acedido em 14 de dezembro. Disponível em: http://www.rostosolidario.pt/wp-content/uploads/2016/04/Manual_%C3%89deG%C3%A9nero.pdf

Maxima Uriarte. (2022). Madera. Acedido em 14 de Junho de 2022. Disponível em: <https://www.caracteristicas.co/madera/>

McDonough, W., & Braungart, M. (2010). *Cradle to Cradle: Remaking the Way We Make Things*. Farrar, Straus and Giroux.



Mouritsen, H. (1998). Italian unification: A study in ancient and modern historiography. *Bulletin of the Institute of Classical Studies. Supplement*, 70, iii–203. JSTOR.

Museu de Olaria. História. Acedido em 14 de dezembro de 2021. Disponível em: https://www.museuolaria.pt/?page_id=6

Ncultura (28 December, 2017). Bordados Tradicionais Portugueses - Bordados tradicionais portugueses, uma tradição portuguesa viva e prova da existência de produtos tradicionais de qualidade bordados à mão. Acedido em 15 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://ncultura.pt/bordados-tradicionais-portugueses/>

Niglio, O. (2014). Inheritance and identity of Cultural Heritage. *Advances in Literary Study*, 2(1), 1–4.

Nuvia Avila Tejeiro. (2019). Reciclaje del Papel. Acedido em 14 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.asociacionderecicladoresdelmeta.org/reciclaje-del-papel/>

Pereira, S. E. M. S. (2012). A Tecelagem Tradicional do Algarve - A Última Tecedeira da Serra de Monchique [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve] Acedido em 15 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/3133/1/Tese%20Selma%20Silva%20Pereira.pdf>

Potting, J., Hekkert, M. P., Worrell, E., & Hanemaaijer, A. (2017). Circular economy: measuring innovation in the product chain (No. 2544). PBL Publishers.

Santagata, W. (2002). Cultural Districts, Property Rights and Sustainable Economic Growth. *International Journal of Urban and Regional Research*, 26(1), 9–23. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1468-2427.00360>

Sarah Cantavalle. (2019). HISTORIA DEL PAPEL: DESDE LOS ORÍGENES HASTA HOY. Acedido em 15 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.pixartprinting.es/blog/historia-papel/>

Silva, J. Caminhos de Portugal. Arte da olaria em Portugal: olaria da Bajouca. Acedido em 14 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://caminhosdeportugal.com/olaria-bajouca/>

SN. (2021). ¿De qué está hecho el tetra briq? ¿Cómo reciclarlo?. Acedido em 15 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://lechepascual.es/articulos/leche-pascual/de-que-esta-hecho-el-tetra-brik/>



SN. (2016). EL ARTE DEL CUERO: ¿QUE ES LA MARROQUINERÍA?. Acedido em 14 de junho de 2022. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20160315225333/http://hiloycuero.es/2016/03/15/el-arte-del-cuero-que-es-la-marroquineria/>

SN. (-). El Corcho Natural. Acedido em 16 de dezembro de 2021. Disponível em:

<https://corkup.es/corcho-natural/>

SN. (2020). El impacto de la producción textil y de los residuos en el medio ambiente (infografía). Acedido em 16 de dezembro de 2021. Disponível em:

<https://www.europarl.europa.eu/news/es/headlines/society/20201208STO93327/el-impacto-de-la-produccion-textil-y-de-los-residuos-en-el-medio-ambiente#:~:text=Seg%C3%BAn%20las%20estimaciones%2C%20la%20producci%C3%B3n,que%20acaban%20en%20los%20oc%C3%A9anos.>

SN. (2021). EL IMPACTO DEL SECTOR TEXTIL Y SUS RESIDUOS EN EL MEDIO AMBIENTE. Acedido em 16 de dezembro de 2021. Disponível em:

<https://www.residuosprofesional.com/impacto-sector-textil-sus-residuos/>

SN. (2008). La Buena Madera. Acedido em 16 de dezembro de 2021. Disponível em:

<https://www.ecologistasenaccion.org/17840/la-buena-madera/>

SN. (SF). El Alcornoque. Acedido em 14 de junho de 2022. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20100317105208/http://7decopas.com.ar/corcho2.htm>

SN. (-). Plástico. Acedido em 15 de dezembro de 2021. Disponível em:

<https://concepto.de/plastico/>

SN. (-). Plásticos. Acedido em 16 de dezembro de 2021. Disponível em:

<https://es.greenpeace.org/es/trabajamos-en/consumismo/plasticos/>

SN. (2020). Tetrabrik, más que un problema en el reciclaje. Acedido em 16 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.enestadocrudo.com/tetrabrik-reciclaje/>

Till, K. E. (2009). Ethnography. In R. Kitchin & N. Thrift (Eds.), International Encyclopedia of Human Geography (pp. 626–631). Elsevier. Disponível em:

<https://doi.org/10.1016/B978-008044910-4.00430-2>

UNESCO. (2022). UNESCO - Opera dei Pupi, Sicilian puppet theatre. Disponível em:

<https://ich.unesco.org/en/RL/opera-dei-pupi-sicilian-puppet-theatre-00011>



UNESCO World Heritage. (2022). Italy—UNESCO World Heritage Convention. UNESCO World Heritage Centre. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/statesparties/it>

Visit Portugal. A cortiça. Acedido em 15 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/cortica-0>

WOW. Cortiça Portuguesa: uma das maiores riquezas da nossa agricultura. Acedido em 16 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://wow.pt/pt/cortica-portuguesa-uma-das-maiores-riquezas-da-nossa-agricultura/>

